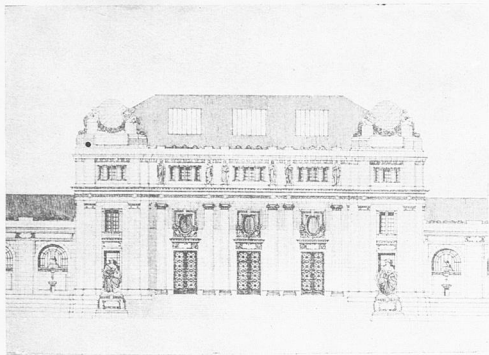


REVISTA= DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL
DA DIRECTORIA DA INSTRUCCÃO



PARTE CENTRAL DA FACHADA DO NOVO EDIFÍCIO DO GYMNASIO DA CAPITAL

BELLO HORIZONTE
ESTADO DE MINAS GERAES
BRASIL

SUMMARIO

Os grandes nomes da Pedagogia: Johann Michael Sailer. — *Elvira Brandão*: Lição de Leitura. — O fim da Escola moderna: crear na consciencia da criança a satisfação de aprender. — *Maria Luisa de Almeida Cunha*: Os exercicios da memoria — como devem ser realizados. — Como ensinar o anti-alcoollismo? — Uma pagina de phantasia — *Emilia Truran*: Aula de geometria. *Guerino*, *Casasanta*: A mentira infantil. — A cooperação das familias na educação. — «Brasil— Ditosa Patria» — *Vitalia Campos*: Lição de arithmetica. *Maria Rita Burnier*: Lição de lingua patria. L. M.: Aula de Hygiene. *Branca de Carvalho Vasconcellas*: O canto nas escolas. *Zelia Rabello*: Lição de leitura escripta para os retardados. — Lição analyse do livro de Pressey. — A disciplina na concepção de Tagore. — *Bento Ernesto Junior*: A Aryore. — Scenas da descoberta da America. — A alegria dos recreios. — *Claudia Brandão*: Remodelação do ensino grammatical. — As crianças, em geral, manifestam inclinação para o desenho. — A missão da escola é crear valores socialmente utilizaveis. — *Floreia Queiroga*: Quaes são os principaes portos do Brasil — *Uiriato Corrêa*: Apologo do cachorro pellado e do cachorro pelludo. — *Bem-vinda de Carvalho*: O Brasil—Recursos naturaes—Economia nacional. — O Folk-lore nas escolas. — O novo edificio do Gymnasio da Capital. — A raposa e o homem.

REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL
DA DIRECTORIA DA INSTRUÇÃO

ANNO II

Bello Horizonte, Junho de 1926

NUM. 15

OS GRANDES NOMES DA PEDAGOGIA

JOHANN MICHAEL SAILER

NASCEU Sailer em Aresing, na Baviera, em 1751. Entrou na ordem dos Jesuitas, que teve de abandonar, quando suprimida. Sacerdote em 1775, leccionou em Ingolstadt e em Landshut; recusou o arcebispado de Colonia, fallecendo em 1832, como Bispo de Ratibona.

Innumeros foram os seus escriptos e grande a sua actividade e influencia como educador.

As idéas fundamentais de Sailer são mais do que nunca opportunas hoje, em face da anarchia geral em que se precipitam os espiritos, em todos os ramos da actividade humana, especialmente em materia de educação e ensino.

Difficilmente poderiamos resumir aqui toda a doutrina do grande mestre. Indicaremos apenas os traços geraes.

A educação é o desenvolvimento e aperfeiçoamento das forças humanas como não o consegue fazer por si mesma a natureza, exigindo por isso a intervenção de um esforço consciente, que deve ser consentaneo com a capacidade e o destino do homem, collocando o individuo em condições de se dirigir a si mesmo na vida.

A sciencia que estabelece os principios e as normas para a consecução desse resultado é a Pedagogia.

A natureza humana compõe-se de duas esperas — a esphera animal e a esphera espirital. Esta comprehende tres outras — do conhecimento, da moralidade e da religião. O progresso da humanidade consiste no predomínio da esphera espirital sobre a animal, cabendo, na esphera espirital, a primazia ao principio religioso de onde procedem vida para a esphera da moralidade e luz para a esphera do

conhecimento. O destino universal do homem e a sua formação individual devem estar em harmonia perfeita e racional.

É um grande peccado que commettem os pedagogos contra a humanidade, quando em attenção ao geral desprezam o particular, ou na formação do particular sacrificam o geral, ou, finalmente, na premeencia de uma educação rapida, não deixam tempo ao tempo.

Um grande inimigo da humanidade é o egoísmo, porque comprime e restringe a esphera espirital nas suas mais elevadas regiões, e trans-

forma a esphera animal como a do conhecimentos em instrumento das paixões individues. É um grande inimigo da sociedade porque, até onde chega o seu habito, envenena a flor pacifica da alegria commum e destroe todos os planos e instituições de união e de paz para o mais alto bem dos homens.

Fara combater o egoísmo é necessario desenvolver a esphera moral-religiosa.

A familia, o Estado e a igreja constituem tres grandes alavancas do aperfeiçoamento da nossa especie, reprimindo o egoísmo e fomentando o amor.

A acção do educador pode ser:

a) *negativa*, quando evita toda intervenção nociva ao desenvolvimento natural da criança;

b) *positiva*, quando actúa, provocando esse desenvolvimento;

c) *limitativa*, quando evita obstaculos e prejuizos a esse desenvolvimento.

A educação de uma criança não é outra cousa senão uma obra de amor, racional. Só esse amor pode velar constantemente, desenvolver o bem pela palavra e pelo exemplo, cul-



tivar a semente do bem pela bondade, destruir a do mal pela perversidade; só elle pode limitar e ampliar, avisar, admoestar, ameaçar, castigar e assistir assim ao desenvolvimento dessa planta humana, de onde deva sahir uma humanidade mais nobre e mais pura.

O corpo é o instrumento do espirito. A educação corporal merece, pois, todos os cuidados—educação dos sentidos, exercicios, trabalhos manuaes, etc., etc.

A formação intellectual não deve ficar atrás da do corpo, mas precisa ser adequada. O ensino deve ser feito de modo a despertar o interesse da criança, facilitando-se tambem a compreensão por meio de um material apropriado, a sem observação directa da natureza.

Na formação moral das crianças não deve o educador esquecer que, na natureza humana deixada a si mesma, sempre inclinada ao mal, a sensualidade predomina sobre a razão, e que a religião é o fundamento de todas as virtudes.

O amor da patria é um ponto importante em educação. O egoísmo é contractivo e attractivo, encerra-se em si

mesmo e tudo a si refere; o patriotismo é expansivo e repulsivo, estende-se para o bem de todos e repelle todo interesse privado, em beneficio do interesse da collectividade.

Como Pestalozzi, ligava Sailer grande importancia ao ensino intuitivo e ao contacto directo com a natureza. Mas, contrariamente a esse illustre pedagogo, ligou mais importancia á personalidade do educador e do Christianismo.

Em contrario á corrente da sua epoca, affirmou sempre que o ensino não deve limitar-se aos conhecimentos, e que a parte propriamente educativa é muito mais importante.

ERRATA: No artigo do numero passado, sobre Rousseau, escaparam d'várias erros de revisão, de que foi mais notavel o seguinte:—

O principio fundamental de Rousseau é 'escrever'. O resto não podia deixar de se escrever— Deve ser: O principio fundamental de Rousseau é escrever. O resto não podia deixar de ser erroneo.



DANSANDO O MINUETTO... — (ESCOLA INFANTIL BUENO BRANDÃO, CAPITAL)

A escola é o primeiro reducto da defesa nacional; a menor falha do ensino e o menor descuido do professor podem comprometter sem remedio a segurança do destino do paiz. — OLAVO BILAC.

Lição de leitura

O que a professora deve fazer para prender a atenção da classe e não tornar monotoná a lição.

ELVIRA BRANDÃO

NA lição passada, a professora teve occasião de desenvolver o estudo das syllabas que formam os vocabulos conhecidos das creanças.

Esse exercicio, que exige grande esforço por parte do mestre, até que os alumnos se habituem perfectamente com as syllabas, de modo a não fazer confusão entre umas e outras, muito vem contribuir para que esta phase da leitura, que hoje iniciamos, se faça com rapidez e segurança.

Não havendo mais duvida sobre o conhecimento das vogaes, o alumno começará a trabalhar com a consoante predominante, tirando-a das syllabas que constituem o objecto da lição, e fazendo com ellas, as combinações possiveis.

E' o mais poderoso auxiliar de dictado esse exercicio.

Sem que o alumno tenha firmado as letras que formam aquellas syllabas, não é possivel escrever o dictado com correção, continuamente cahirá em faltas, encontrará, portanto, tropeços na execução dessa parte, de maxima importancia.

(A professora escreverá a palavra — viuva — e destacará a syllaba — vi).

P.—Que pedaço é este, Roberto?

A.—Vi.

P.—Responda como já tenho ensinado, de um modo completo.

A.—Este pedaço é vi.

P.—Conhece muitas palavras em que entre vi na sua formação, Lucia?

A.—Viva—vivía.

P.—Vou escrever o que acaba de dizer.

E você, Cecilia, conhece outras?

A.—Sim, senhora. Vivo—via—vive—vivi.

P.—Muito bem. Já estão muito certos nisto.

Vamos fazer, então, um novo exercicio.

Na syllaba—vi—qual é a letra já conhecida?

(Todos dão signal).

P.—Diga, Olavo.

A.—A letra que conhecemos é i —

(A professora separa as letras).

A.—E a outra, como se chama?

P.—Não tenha pressa. E' justamente o que

vou ensinar. A outra letra chama-se — v —

Elisa, em cada uma das palavras scriptas no

quadro, quantas vezes você vê essa letra?

A.—Em todas, vejo duas.

P.—Você se enganou, Elisa. Na palavra vi

só ha um — v —

P.—Muito bem. João é muito observador.

Fico, agora, muita attenção.

(A professora destacará a syllaba — va — do

vocabulo viuva).

P.—Que pedaço é este, Stella?

A.—Va. E' pedaço da viuva.

P.—Si eu tirar o — a — (A professora apagará

essa letra) e escrever o — e —, o que fica?

A.—Fica — ve.

P.—Você se lembra em que nomes viu essa

syllaba ou pedaço?

A.—Nas palavras — velho — ave — vive.

(A professora apagará o — e —)

P.—Que fiz, Alice?

A.—A senhora apagou o — e — e deixou o

— v —.

(A professora escreverá o — o — em seguida

ao — v —).

P.—E agora?

A.—Ahi está — vo — de vovó.

P.—E' isto mesmo. A syllaba — vo — entra

tambem em — ovo — vovó — viuvo.

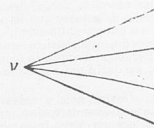
(A professora irá ao quadro e chamará a

attenção da classe para os ultimos vocabulos nello

escriptos).

P.—Vou terminar, fazendo um traçado para

vêr quem melhor aprendeu o que ensinei hoje.



Para prender a attenção da classe e não tornar monotoná a lição, a professora deverá variar o exercicio o mais possivel. Assim, por exemplo, fará um schema, como acima, escrevendo a consoante no ponto de encontro das linhas. Feito isto perguntará á classe qual a letra que se deve escrever na primeira recta, para formar a syllaba — va — da palavra — vivia. Assim continuará com as vogaes

a arithmetica, a geographia, as noções de sciencias, de historia e as linguas, bem como as actividades livres e occasionaes fornecem ensino a lições proveitosas, e por este motivo adoptamos o programma do dr. Decroly, de Bruxellas, que nos pareceu o mais bem adaptado aos interesses da infancia, porque se baseia no conhecimento dos instinctos primitivos da humanidade.

Este methodo se occupa da creança e de suas necessidades, tanto na familia, como na escola e na sociedade; do homem em sua conquista, da natureza animal, vegetal, mineral e cosmica, das necessidades da alimentação, de calor (habitação, vestimenta e aquecimento) de defesa contra os inimigos tanto animaes como seres humanos ou as enfermidades, e finalmente do trabalho colectivo e solidario.

Estes assumptos interessam não sómente ás creanças, senão tambem aos adultos.

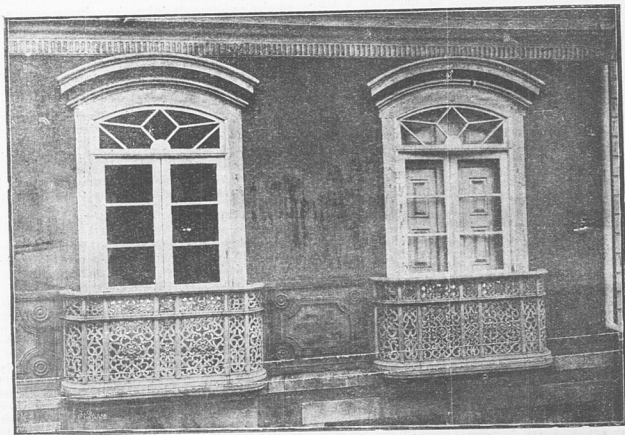
O methodo empregado será a observação, a medida e o estudo da technologia, as associações no tempo (historia), as associações no espaço (geographia), a expressão manual e verbal, moral e scripta.

E agora, em seus traços geraes, o programma da escola internacional de Ginebra.

Consagramos a primeira metade da manhã ao trabalho individual das technicas, segundo o methodo de Winnetka. A segunda metade da manhã é destinada ao estudo colectivo dos centros de interesse, segundo o programma do dr. Decroly. A tarde é reservada para o methodo-projecto. Tais são as nossas experiencias actuaes.

Estou convencido que desta confrontação nascerão applicados com uma efficacia certa nas escolas publicas. Não preciso dizer que transformação prodigiosa poderia produzir-se na sociedade inteira de manhã si as differentes noções concordassem em applicar em todas as suas escolas os methodos conselhos com a psychologia e com o simples bom senso.

(La Revista de Educacion Nacional.)



VISTA DA FACHADA DE UMA CASA NA RUA DIREITA, NA CIDADE DE MARIANNA. AS SACADAS QUE SE VÊM NA PHOTOGRAPHIA REPRESENTAM UM PRIZOROSO TRABALHO EM PEDRA.

Os exercícos da memoria—Como devem ser realizados

O que se deve evitar é o que fatiga inutilmente a intelligencia do alumno, embaraçando-lhe e tolhendo-lhe a expontaneidade.

MARIA LUISA DE ALMEIDA CUNHA

TROUXE-ME ha dias o correio, num bilhetinho laconico, uma objecção que talvez já se tenha esboçado a muitas das nossas professoras.

Escreve a minha desconhecida collega: «A pedagogia actual reage contra os exercícos da memoria, como ha de a criança então fixar o que aprende?»

Non amago d'essa objecção ha um mal entendido cujo esclarecimento facilitarã a muitas o modo de dirigir essa faculdade tão preciosa do nosso espirito.

Nem se comprehenderia a vida sem a memoria! Apesar de ter dito o poeta que o esquecimento é um dom divino para a fragilidade dos velhos, que significação teria para nós a existencia continuamente agrihçada ao instante fugidio do presente?

O mal entendido está no facto, que a pedagogia moderna condemna, de accumular desordenadamente na memoria da creança conhecimentos mal assimilados ou inuteis.

Realmente, que adianta, em geographia por exemplo, *decorar* todos os affluentes de um rio ou accidentes do littoral?

De que serve *decorar* todas as datas dos nascimentos e mortes de reis, em Historia? De que serve *decorar* as zonas corticas da estrutura do caule?

Essa memorização exclusiva de palavras só fatiga a intelligencia, embaraçando-a, tolhendo-lhe a espontaneidade e a observação.

Entretanto, confiar á memoria conhecimentos claros, coordenados, nunca lhe será nocivo.

A multiplicidade de conhecimentos uteis não será jam'is um obice á intelligencia, bem ao contrario! Quanto mais rico for o archivo, tanto mais facil será a construção ulterior do espirito.

A memoria sem augmentar, talvez, a acuidade da intelligencia, lhe proporciona, entretanto, a riqueza, a massa, a quantidade.

Sem querer estudar aqui o psychismo da memoria, vem, entretanto, a pêlo lembrar que ao lado da memoria puramente intellectual se desenvolve a memoria sensitiva.

Foderiamos dizer que a primeira archiva o substractum do que apprendemos; graças a ella nos lembramos do assumpto de um livro já lido. A memoria sensitiva refere-se a tudo que impressiona os nossos sentidos.

A pedagogia moderna procura justamente desenvolver esta, quando preconiza que se cultive a receptividade sensorial das crianças.

Não confia ella unicamente á retentiva visual o trabalho de aprender a ler. O material Montessori com suas letras emersilhadas não visa a memoria tactil?

Porque o canto nas escolas? Serã unicamente pelo valor inestimavel de incutir a alegria? A par d'essa relevantissima contribuição, educa a retentiva dos sons.

O que se procura hoje é distribuir harmonicamente pelas faculdades phsycológicas a capacidade de aprender, de assimilar um facto dado para enobrecimento do espirito.

A experiencia tem ensinado que a multiplicidade de sensações favorece a memoria desde que se refiram ao mesmo objecto.

Serã mais facil retor o facto que chegou ao cerebro por caminhos mais variados.

A par d'essa educação sensorial deve-se estimular o aperfeiçoamento da memoria despertando o interesse.

A intensidade da lembrança está sempre em razão directa da primeira impressao causada. Eis porque é tão necessaria a scintilha do entusiasmo a quem ensina.

A physionomia, o gesto, a intonação com que a professora expõe, concorrem poderosamente para gravar as impressões.

Ouyt de um mestre abalizado que si chegrassen algum dia a ser Director da Instrução Publica, apresentaria todas as professoras desanimadas, dispendiosas...

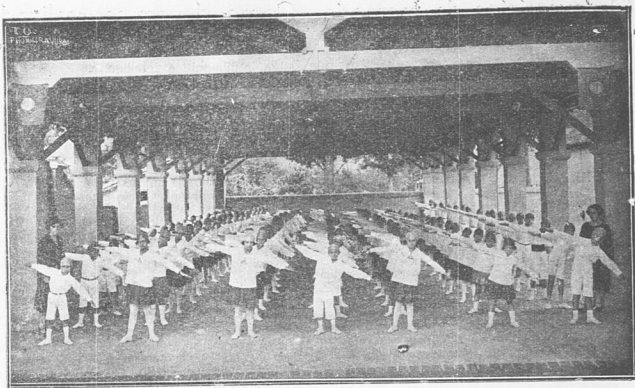
A repetição frequente tambem aperfeiçoa a memoria.

Parcerã ainda um paradoxo dizermos que tanto melhor acciona um facto a receptividade da memoria, quanto mais abundante o acervo de circumstancias com que o expomos. E' no entanto real a observação e só apparente o paradoxo.

As associações de idéas, correctamente feitas, muito concorrem para isso. Toda vez que se quer incutir um ensinamento importante convem evocar os conhecimentos correlatos já ministrados, afim de que a nova aquisição se incorpore ao *stock* de noções que a creança já armazeno.

Essas associações de idéas evitarão que as crianças julguem que o que apprendem em uma data, a ella só se refere ao apprendido *naquella hora e em aquella professora*.

Aprenderão por esse modo a interdependencia dos estudos.



UM NÚMERO DE GYMNASTICA NOS GRUPOS CENTRAIS (JUIZ DE FÓRA) NO DIA 13 DE MAIO, EM QUE SE DEU A INAUGURAÇÃO DO PAVILHÃO «SANDÓVAL AZEVEDO».

Claro é que o tino da professora será o melhor factor para guial-a, contraprovando com exactidão os factos que deve approximar.

Não é outra a razão de ser do moderno methodo D'eryly, onde, em volta de uma chamada «centro de interesse» se desenvolvem as considerações aparentemente mais longinquas.

Um duplo objectivo perseguirá quem o applique: primeiro de fixar bem a imaginação da criança sobre a ligação immediata entre o «centro de interesse» e as illações immediatas; segundo, o de chegar em cada illação a um terreno familiar de cada criança.

Tantos serão os terrenos de finalidade da lição quantas as illações primitivas.

O excellento livrinho de Mlles. Hertz e Trouillon «Du Grain de Blé jusqu'au Pain» focaliza pittorescamente esse desideratum, servindo-se como illustrações do proprio lapis das creanças. E' mister apenas adaptal-o ás cousas nossas.

Procuremos o «centro de interesse» em uma planta bem nossa, o Morusiger, a Amoreira. Occorrerá, bem a miúdo, que encontremos um pé em plena fructificação ao alcance das creanças que instruímos. E' o momento azado de tomal-o para objecto de ensino. Convitémos então as creanças a desenharem a amoreira. Recolhamos agora todos os desenhos, sem excepção mesmo das tentativas mais afastadas do modelo. Obteremos interpretações sur-

prehendentes de minuciosidades que fugiriam a muito crebro amadurecido de adulto. Está agora lançado o alicerce da lição, isto é, o «centro de interesse». Assocíemos a imaginação de cada raciocínio ao ponto de convergencia de nossos desenhos. E' certo que a attenção de cada pequeno saberá acompanhar-nos.

Tomemos os fructos. Enmoldoos nas roupinhas, os dedos, mas são gostosos ao paladar.

O asseo, o cuidado com as roupas durante a comida, a hygiene alimentar com as vantagens do consumo systematico de fructas, as industrias doceiras, as balas e os xaropes de fructas, as bebidas fermentadas, os alcoolicos, os perigos do alcoolismo tudo isto nos suggere o fructo da amoreira...

Continuemos nas lições seguintes a explorar o mesmo «centro de interesse» — a amoreira. Uma folha nos dará suggestões atrahentes. Serve para alimentar o bicho da seda. Procuremos uma larva em periodo de alimentação. Façamos ver ás creanças suas diversas metamorphoses. Poderemos mesmo promover uma visita a alguma criação de bichos de seda.

Em Bello Horizonte existe uma pequena criação na Escola de Agronomia. Pelo interior do Estado, sem falar na grande industria sericícola de Barbaena, não faltam pequenas criações que as creanças visitem. Do bicho da seda passaríamos sem difficuldade ás abelhas, ao mel, á cera, como da

amoreira proseguiríamos para o estudo de outras plantas familiares ás creanças. A flora topographica determinará a preferencia.

A bananeira de cujo fructo, além do consumo em natureza se faz a bananada, a farinha de banana: de cujo succo se extrae o tainho, que nos levaria para outra industria propria do nosso meio — a dos cortumes — e d'ahi ás sapatarias, correarias, sellarias, malas, as pelles de toilette e de ornamentação; de cujas fibras se fabricam as lindas rendas de seda vegetal.

O milho, o café, o feijão, o arroz, o caeao, o fumo, a canna de assucar... tudo nos levaria a uma industria qualquer e o esforço de desenharem a planta aprenderia sempre «esses cerebrosinhos curiosos como um motivo de attenção.

A meditação dos fructos, das folhas, complementar magnificamente o desenho, desenvolvendo a memoria stereostocica.

A memoria visual e o tacto serão facilmente associado: ao ouvido, ao tacto, ao paladar, desempenhando papel preponderante para moldagem d'essas intelligencias infantis.

Como ensinar o anti-alcoolismo?

Uma conferencia dedicada ao magisterio publico.

NO dia 10 do corrente, o professor Mauricio de Medeiros realizou no Rio uma conferencia com este thema: «Como ensinar o anti-alcoolismo?».

Essa conferencia, que pertence á serie de palestras organizadas sob os auspícios da Liga de Hygiene Mental, foi dedicada ao magisterio publico primario.

Começa o orador lembrando que na lucta contra o alcool ha duas escolas: uma a intervencionista, que só confia na acção do Estado; outra a dos liberaes, que prefere o recruso á acção individual, sob a fórma de propaganda publica ou privada contra o vicio.

Parece-lhe que desta a mais interessante é a que procura atingir a criança. «No alcoolismo, mais que a preservação do que a cura». Compara o alcoolismo á tuberculose, que só se adquire na infancia. Acha que as duas prophylaxias devem ser semelhantes, procurando cercar, proteger e preservar a infancia.

Para esta acção de preservação confia na intervenção educativa. A este respeito estende-se em considerações sobre o papel e as possibilidades da educação em face do determinismo. Lembra as noções psychologicas da genese da personalidade por duas ordens de factores: os innatos e os adquiridos. Entende que, si physiologicamente o individuo se adapta ás circumstancias do meio, mais facil é a

No entanto, si retomarmos o quadro — que se enlevia da obsecção motivadora d'este, teremos apenas uma arida pagina de lições de cousas...

Si é um mal — e terri vel — pretendemos que os alumnos decorem trechos para recital-os deante do professor, em compensação é um bem enorme que ensinemos á creança a applicação immediata do que lhe repetimos, lhe ensinamos na esbocinha á custa de seu proprio esforço nessa gradação suave onde a curiosidade progressiva é o estimulo real.

Não deixemos que se atrophie, á mingua de exercicio adequado, essa facultade cerebral que é das mais potentes alavancas da illustração, no aprimoramento da intelligencia.

Não nos deixemos conduzir pela falsa interpretação que alguem queira dar das regras da pedagogia moderna. A memoria associada pôde, deve, precisa ser sempre exercida.

E' mister cultivar na infancia — seu periodo de apogeu — aproveitá-lo-lhe a grande plasticidade para impregnar o crebro dos conhecimentos decisivos de que precisará depois no decurso da vida.

sua adaptação psychologica. Dahi a força educativa do ambiente, no bom como no máo sentido.

A educação apresenta varias modalidades: o destudo o ensino anti-alcoolico pode ser incluido dentro da educação moral. E' o que leva o conferencista a examinar as possibilidades de educação moral ta, criticando os seus methodos. «A moral não se ensina — respira-se».

Pensa que o ensino de noções psychologicas dessa opinio. Pergunta a seguir se se pôde ensinar anti-alcoolismo e procura fazer distincção entre ensinar e pregar. Acha possível o ensino anti-alcoolico, desde que repouso em noções sino anti-alcoolico, desde que repouso em noções anti-alcoolico não é pregação; 2.º, o ensino terá um caracter essencialmente instructivo, embora conculral deve tomar o caracter negativo. Mostra em justificação como é grande o predomínio em um conselho negativo das chamadas idéas-força.

Acha que a systematização de um programma de ta ensino, as «primeiras noções devem ser quanto possíveis objectivas. As que melhor se prestam a isso são os maleficios organicos. Como estes se acompanham de desordens funcionaes, explicam o mecanismo destas. Só mais tarde é que convém falar dos effectos mais abstractos de ordem moral e social.



UM BAILADO PELAS ALUNMAS DA ESCOLA INFANTIL BUENO BRANDÃO (CAPITAL)

No grupo de efeitos orgânicos, recorrer, sempre que possível, à objectivação por meio de peças anatómicas fornecidas pelas instituições interessadas na campanha anti-alcoolica, ou de figuras mostrando comparativamente os órgãos e os mesmos doentes pelo alcool. A Liga de Hygiene Mental está organizando documentos nesse sentido.

Passa a exemplificar: fala das lesões do aparelho digestivo, das suas desordens funcionaes e assim seguidamente, ao apparatus respiratorio, circulatorio, nervoso, etc. Depois exemplifica com os efeitos do uso mesmo não excessivo do alcool sobre os escolares e aconselha como os professores poderiam mostrar patrioticamente aos proprios alumnos esses efeitos. Passa em seguida a esboçar um conjunto de noções sobre a depreciação moral do habito alcoolista, sempre com o fito da elucidação da creança e de maneira que esta possa comprehender esses factos. Dahi, finalmente as modificações sociais: degeneração mental, crime, dissolução da familia, desvalorização da raça, com exemplos fornecidos pelas estatísticas, pelos graphicos, pelos noticiarios dos jornaes, pelos factos historicos. Acha que a gradação do ensino deve obedecer a essa ordem, para que venha das classes mais elementares para as superiores, da ordem successiva dos factos concretos para os abstractos, só atingindo a estes nas classes em que a evolução mental da criança permite as abstracções e generalizações.

Confia muito nos resultados de tal ensino e acha que a Liga de Hygiene mental deveria procurar desde já appaarelhar-se com os elementos para

facilitar a parte documentaria das lições das professoras.

Termina conecitando o magisterio primario a auxiliar esse combate a um mal cujos efeitos damnosos não estão mais a ser provados: evidenciam-se na sua brutalidade a cada hora da vida corrente.

«Desse magisterio só sobretudo as mulheres que devem pôr o maior empenho nesse auxilio benefico em que tanto quanto á Humanidade em geral, protegerão com sua campanha principalmente as innumeras infelizes de seu sexo. Gavarni disse:

«Chaque être á son fléau, le chien á la puce: la femme á l'ivrogne». Foram as mulheres que mais fortemente collaboraram na campanha anti-alcoolica na Suecia, na Dinamarca, na Noruega, na Finlandia. Foram ellas ainda, que nos Estados Unidos auxiliaram a criar-se a opinião prohibicionista. Quem não conhece os exemplos de infelicidade gerada exclusivamente no alcool e de que é a mulher muitas vezes a victimia aterrorizada, silenciosa? E quem não comprehende a dor de mãe ao ver gerar-se em suas entranhas o filho que o alcool amaldiçoou para a vida? Sofre a mulher com o alcoolismo por si, nas brutalidades que elle lhe reserva na vida de um lar infeliz — sofre pelo filho que vê nascer tardado e condemnado a uma vida morbida e mofina!

Em lembrança dessas mãos infelizes, movei-vos vós outras, professoras, que tendes a felicidade de reconhecer na vossa vida essa tremenda catastrofe, e ensinae aos vossos alumnos, aos homens do nosso Brasil de amanhã, aos aos horros de ensino pôde lhes dar um lar feliz, uma vida honesta e uma Patria grande!»

UMA PAGINA DE PHANTASIA

Qual a pastora, quaes as ovelhas do prado encantado?

O pap—Eu conheço um vasto prado azul escuro...

Emília—Isso é capçada sua, papae. Os prados apparecem verdes mas não azues.

O pap—O meu prado, porém, mostra-se azul e é maior que todos os prados do mundo.

Laura—Eu já vi, meu pap?

O pap—Tu e todos vós o tendes visto e podeis vê-lo todos os dias. No meu prado passa a o anno inteiro, dia após dia, uma innumervél multitude de grandes e pequeninas ovelhas, pelo vastidão da planície, embora nunca cresça nada.

Antonio—Mas, papae, que fazem ellas lá, si nada encontram para comer? Podem as ovelhas não sentir fome?

O pap—Mas caracinos e meus cordeirinhos não sentem fome nem comem nada...

Emília—Ahi ha dente de coelho! De certo não são ovelhas viventes, porque as ovelhas precisam comer, não morrem de fome.

O pap—Viventes são minhas ovelhas. Ellas vivem desde milhares de annos e são sempre as mesmas de outrora, si bem que não sintam fome nem sede.

Lydia—As suas ovelhas têm milhares de annos!... Isso é maravilhoso! As ovelhas disse-nos o professor, chegam no maximo a 14 annos de idade.

O pap—Entratanto assim é, como tenho dito, meus queridos filhos, e lindas são minhas ovelhas e tão lindas e brilhantes como as ovelhas de... de... Como se chama, pois, o paiz ante existem as mais bellas ovelhas?

Emília—Da Hespanha! Da Hespanha! Veja papae, como guardi de memoria!

O pap—As ovelhas da Hespanha não podem de muito algum ser comparadas com ellas, pois todas do nosso rebanho têm pelles de ouro...

Aqui as creanças entreolaram-se admiradas, mas romperam logo numa gargalhada e exclamaram:—Não; laes animas não existem, com pelles de ouro! Tão ferozes animas nunca poderiam condair taes carças! Papae que só experimentar si nós acreditamos em taes cosas!

O pap—Eu feio serio. Suas pelles brilham realmente como ouro. Muito claras e reluzentes, tendes vos todos deliciado muitas vezes com ellas.

Emília—Papae, então ellas todo o dia na planície? Ouve-se o berrar destas ovelhas?

O pap—Sim, ellas estão todo o dia lá mas nem sempre são vistas. Tambem as nunca as ouvi berrar.

Lydia—E si lobo mudo vem? Então ellas não jogem e não berram?

O pap—Nessa planície nunca pôde chegar um lobo, e, além disso têm ellas uma pastora que as vigia.

Antonio—Uma pastora? Uma pastora?...

Pôde então ella prestar attenção a tantas ovelhas? De que jeitão é ella então?

O pap—Ella traz uma roupagem linda e alva que brilha como prata e nunca fica escura e, como ha milhares de annos, ella tem vigiado o globo, nunca aformosea e nunca mudou de roupa. Ella fica sempre vigilante e activa e com sua roupa sempre limpa.

Emília—Limpa! Isso eu não posso acreditar! Deve ser alguma doida que não anda nem fica parada, e deve ser como o velho Theobias lá de cima que, entretanto, tem 80 annos apenas.

O pap—Ella não fica tranquilla: caminha sempre entre suas ovelhas por toda parte. Tambem ella não é cega, má senxerxa muito bem.

Laura—Papae, ella dorme decerto, e o senhor só feia assim para nós não dormirmos tanto. Ella pôde tambem dormir porque suas cães guardariam a noite.

O pap—Cães!... Cães é o que ella não possui, e nem tem necessidade d'elles.

Laura—Mas ella deve ter uma flauta e tocar.

O pap—Uma flauta mesmo, não, mas uma linda buzina de prata. Não pôde porém soprar nella, e a buzina não dá de si nenhum som!

Antonio—Isso continúa cada vez mais maravilhoso. Uma pastora com suas ovelhas, que têm mais de milhares de annos, que tem a buzina mas que não pôde tocar, que nunca viu e todavia está sempre alerta!...

Emília—Papae, em que terra fica, pois, o prado em que pastam essas caracinos maravilhosos?

O pap—Não fica em paiz nenhum. Estendem-se sobre todos elles.

Lydia—No ar, então, papae?!... No ar?!...

O pap—Sim, aki fica elle.

Lydia—Mas como podem andar nelle as ovelhas, se ellas não podem voar?

O pap—Oh!... Sim!... Minhas ovelhas podem pascuar á vontade e correr sem perigo de cair.

Antonio—Então, en poderia velas correr?

O pap—Tu pôde velas todas os dias... Quando vem a tarde, ellas chegam á vista e pastam toda noite...

Emília—A! Agora sei o que são as ovelhas de ouro... Mas e a pastora?...

O pap—Ella está tambem no meio das ovelhas, e, si a quereis ver, ellea atreve da janella porque lá vive ella subindo!

Todas as crianças—A Lua!... A Lua!... Oh! agora já sabemos!... E as estrelas são as ovelhas, e o prado azul é o Cão!... Papae nos preparou uma historia bem difficil. Mas contos-nos'jinda uma outra. Essa estava tão bonita!...

O pap—Amanhã, meus maninhos. Por hoje eu não sei mais nada... (Traduzido do allemão por GUY BRAY).

Aula de geometria

EMILIA TURAN

NOÇÃO DE CUBO, FACE, ANGULO E ARESTA

PROFESSORA.—Colloca sobre a mesa um dado de papelão, tendo uns 40 cm de aresta.

As crianças admiradas com o tamanho, ficam afflictas para que a professora lhes explique a razão.

Estão todos vocês vendo este objecto?

Alumno.—Estamos; é um dado muito grande.

P.—Muito bem!

Já viram uns annuncios de remedio com a forma de vidro maiores do que uma janella?

A.—E' mesmo, vi um para cura de tosse.

P.—Pois bem. Fazem o vidro exaggerado assim para chamar a attenção de todos que passam. E' por isso tambem que eu trouxe este dado tão grande. Reparem attentamente a sua fórma. A todos os corpos que têm este formato, damos o nome de cubo.

Qual de vocês é capaz de dar-me um exemplo de um corpo com fórma de um cubo?

A.—A caixa de giz

P.—Muito bem. (Mais tarde a professora chamará a attenção dos alumnos para observarem que nem todas as caixas de giz têm a fórma do cubo).

No cubo temos diversas faces (mostra uma no dado). Quantas são ao todo?

A.—Seis; uma em cima, outra em baixo e quatro dos lados.

P.—Exactamente: são seis faces e todas eguaes. O encontro de duas faces fórma uma linha, que denominamos aresta.

No cubo quantas arestas temos?

(A professora auxiliará o alumno a contar-as, mostrando no dado, uma a uma, todas as arestas).

As arestas, como vocês estão vendo, são todas eguaes (mede com um pedaço de papel para que todos possam enxergar, que realmente são todas eguaes).

Temos ainda no cubo angulos, formados pelo encontro das faces tres a tres, cujo ponto de encontro denomina-se vertice. (Mostra no figura).

Então, qual de vocês poderá me dizer quantos vertices tem o cubo?

P.—O cubo tem oito vertices.

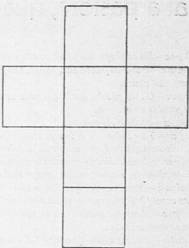
P.—Muito bem!

As faces do cubo têm quatro lados eguaes e quatro angulos rectos. Damos ás figuras planas, que têm esta fórma, o nome de quadrado.

Dá-me exemplo de um quadrado.

A.—O ladrilho.

P.—Justamente. Vamos agora construir seis quadrados unidos, formando uma cruz (fig. 1). Podem fazer do tamanho que quizerem.



(Aproveita a occasião para ensinar a traçar perpendicular com auxilio da regua e do esquadro).

A.—O meu desenho está torto.

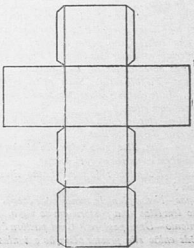
P.—E' porque você não collocou o esquadro certo (Explica de novo como se deve fazer e exige que o alumno verifique o seu erro e faça novo trabalho).

A.—Agora está certo.

P.—Terminaram?

A.—Terminamos.

P.—Vocês vão agora traçar paralellas aos lados dos quadrados que formam o pé da cruz (fig. 2) e em cada vertice traçam um angulo.



A.—Prompto.

P.—Recortem com a thesoura o desenho mas com muito cuidado. Dobrem o papel em todas as linhas que estão traçadas e collem com gomma arábica as beradinhas. Que figura formaram?

A.—Um cubo!

P.—(Chamará a attenção de toda classe para os mais perfeitos). Espero que, na proxima aula, quando fizermos outra figura geometrica, todos a façam com perfeição.

A.—O meu sahiiu torto, mas vou fazer outro em casa.

P.—Faz muito bem.

Numerem as faces do cubo para verificarem o numero das.

A.—Eu já sei, são seis.

P.—Como solube tui depressa?

A.—Porque construi seis quadrados.

P.—Muito bem! Merece um premio.

Vamos então numerar as arestas.

A.—(Depois de numerar) são doze.

P.—Justamente. E os vertices quantos são?

A.—Os vertices são oito: quatro em cima e quatro em baixo.

P.—E' isso mesmo. Vocês acham util saber fazer um cubo?

A.—Eu acho. Ha muitos dias eu estava querendo fazer um cofre, mas sahia sempre torto e agora posso fazel-o direito.

P.—Como vai fazel-o.

A.—Risco seis quadrados eguaes, corto com um canivete bem amolado e depois grego uns preguinhos.

P.—Muito bem. O que mais vocês podem fazer, aproveitando o conhecimento sobre o cubo?

A.—Posso tambem fazer uma gaiola para passarinhos.

P.—Sim. Poderão tambem fazer ainda uma caixa para bombons.

A.—E' mesmo! Vou fazer algumas para oferecer ás meninas no dia da minha coroação.

P.—Guardem os cubos com bastante cuidado. (Na aula de desenho serão aproveitados como modelos).

A mentira infantil

Como evita-la. — Deve crear-se, em volta da infancia, um ambiente de lealdade e sympathia, de confiança e franqueza.

GUERINO CASASANTA

O ESTUDO da mentira na creança está ainda longe de possuir toda a clareza necessaria. As observações feitas sobre esse relevante assumpto são ainda verdadeiros ensaios, nada possuindo de positivo e liquido. «Sobre o caracter geral do mentiroso, que é fundamental, diz F. de Vasconcellos, tudo está por fazer».

No Brasil, ao que parece, não se fez ainda um inquerito definitivo para estudar a mentira na creança brasileira.

Sabemos que o illustre professor Stewart, director da Escola Americana, está recolhendo dados para um estudo geral de nossa infancia.

Mas, posto nos faltem dados e informações, nem por isso os docentes ficam desobrigados de observar a attitude de seus alumnos, as suas tendencias e inclinações a ver até que ponto chega a perturbabilidade de seu ser moral.

A attenção do professorado, voltada para o crescimento physico e intellectual, para a preservação dos orgaos sensoriaes, vigiando a marcha da memoria e da attenção, deve fixar-se tambem no modo

por que o alumno se conduz numa situação em que possa mentir.

A mentira, na opinião de Duprat, é um facto de suggestão pelo qual se tende a introduzir, no espirito de outrem, uma creença positiva ou negativa, que não esteja em harmonia com o que o sujeito supõe ser a verdade. Dessa forma elle nos deu a seguinte classificação de mentiras:

Suggestões positivas: invenção completa (calumnia, accusação falsa, etc.) addição, deformação, exaggeração.

Suggestões negativas: Dissimulação completa, negação, omissão, mutilação, etc.

Mas, sem entrar no estudo minucioso da mentira, e sem estudar os casos pathologicos de filhos de alcoolicos e mentirosos natos, vamos analysar dois factos praticos e que se repetem frequentemente em quasi todas as escolas.

Supponhamos:

1.—O alumno F., interrogado sobre um disturbio qualquer, declara que foi promovido pelo collega A.

"BRASIL, DITOSA PATRIA"

Por incumbencia do governo do Estado, o sr. dr. Djalma Andrade organizou primorosa collectanea de versos, um punhado de paginas altas, creadoras de entusiasmo e de sentimentos civicos e a que o auctor fez preceder a luminosa carta aberta, dirigida pelo sr. presidente Mello Vianna ás mães de familia mineiras.

A leitura material deste livro é igualmente admiravel. Nada se esqueceu. Brilha, no livro todo, o esmalte da esthesia e da graça. Obra, pois, de belleza, o seu destino não poderia ser sinão este: O governo vai distribui-lo, como premio, nas escolas.

Apprende, filho, com os rios
A atastar da vida espinhos:
— E' cantando que elles vencem
Os tropeços dos caminhos.

(DJALMA ANDRADE)

"Brasil, a terra das flores"
Diz ao chegar o estrangeiro...
Sim, dá-nos fibres de graça,
Que Deus é seu jardineiro!

Salve, Bandeira do Brasil querida,
Toda tecida de esperanza e luz!
Pallio sagrado sob o qual palpita
A alma bendicta do Paiz da Cruz!

(DOM AQUINO CORRÊA)

Tanto rasgo de heroismo!
Tanta nobreza de acção!
Nossa Historia, onde guarda-la,
Na mente ou no coração?

Apprende filho de côr
O que nos dita a razão,
A Patria quanto maior
Mais cabe no coração...

(BERNARDO GUIMARÃES FILHO)

Lição de arithmetica

Como se fórma, intuitivamente, a taboa de multiplicar, fazendo applicação dos conhecimentos dados no 1.º anno.

VITALIA CAMPOS

2.º ANNO—1.º SEMESTRE

PROFESSORA — Paulo vai á mesa tirar o dobro de um lapis e fique á frente da classe.
(O alumno obedece á ordem).
Quantos lapis tirou?
A.—Tirei dois lapis.
P.—Quantas vezes dois lapis estão vendo na mão de Paulo?
(A classe se manifesta pelo signal regulamentar).

Fale, Ephygenia.
A.—Vejo dois lapis uma vez.
P.—Quantos são dois lapis só uma vez?
A.—São dois lapis mesmo.
P.—Vou escrever dois lapis, repetindo só uma vez no quadro (dirigindo-se para este): $2 \times 1 = 2$. Lê-se duas vezes um é igual a dois ou dois multiplicado por um é igual a dois.
Paulo, divida o lapis ao meio.
(O alumno executa a ordem).
Quantos lapis collocou em cada mão, para dividir-os ao meio?
A.—Coloquei um lapis em cada mão.
P.—Um lapis qué parte é de dois lapis, Mauro?

A.—Um lapis é a metade de dois lapis.
P.—Quantas vezes um lapis vêem nas mãos de Paulo?
Diga, Ritinha.
A.—Vejo um lapis duas vezes.
P.—E' isto mesmo. Você vê um lapis, mais um lapis ou um lapis duas vezes.
Qual é o n. que vocês vêem repetido? Responda, Arthur.
A.—Vejo repetido o numero um.
P.—Quantas vezes o numero um está repetido?

A.—O numero um está repetido duas vezes.
P.—Quantos lapis são um lapis duas vezes?
Fale, Alvaro.
A.—Um lapis duas vezes são dois lapis tambem.
P.—Então vou escrever, no quadro, um lapis mais um lapis, e, depois, um lapis duas vezes, que é a mesma cousa:
(Escrevendo os dois factores, no mesmo sentido horizontal dos que já se acham escriptos, para facilitar aos alumnos a comparação).

$2 \times 1 = 2$ $1 \times 2 = 2$ Lê-se uma vez dois é igual a dois. (Adeante deste producto, no mesmo sentido) $1 + 1 = 2$. Reparem: o n.

que se repete, eu escrevi em primeiro lugar; o n. que nos mostra quantas vezes alle se repetiu, em 2.º lugar. Então um e outro, colloquei um signal que se lê: multiplicado por—ou vezes. Depois, dei dois traços eguaes, que se lêem: igual a. Por ultimo, escrevi o resultado, o total dos lapis que vocês vieram juntos. Pois bem, o n. que se repete, escrevi baptizando com o nome de multiplicando; ao n. que nos indica quantas vezes o multiplicando se repete, vocês chamarão multiplicador; ao resultado, producto.

No nosso caso, Celina, quaes serão os multiplicandos?

A.—E'...
P.—Não sabe? Quaes foram os numeros que você viu repetidos?
A.—Dois e um.
P.—Quaes os que escrevi em 1.º lugar?
A.—Foram: dois e um.
P.—Então, no nosso caso, esses ns. são os multiplicandos.

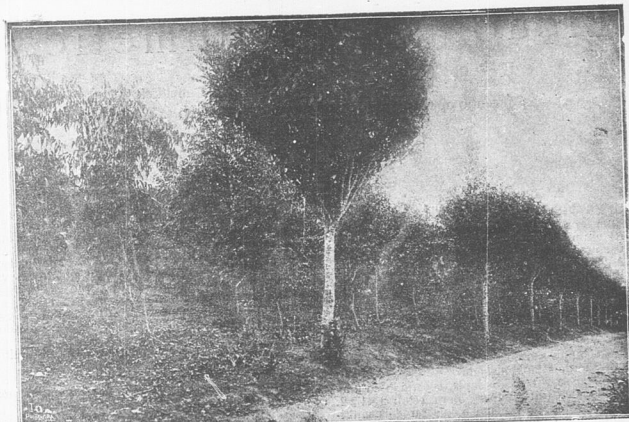
(Escreva-se a palavra, no quadro)
E quaes são os multiplicadores, isto é, aquellos numeros que nos mostram quantas vezes os numeros 2 e 1 se repetiram. Estão collocados em 2.º lugar:

A.—(Olhando para o quadro) Foram: 1 e 2.
P.—Então, 1 e 2, no nosso caso, o que são?
A.—São multiplicadores.
P.—Escrevendo a palavra multiplicador, no quadro). E' isto mesmo. Observem que tanto vale multiplicar 2 por 1 como 1 por 2, tudo é a mesma cousa. O resultado, o producto é sempre o mesmo, não muda. Isto quer dizer que a ordem de collocar o multiplicando e o multiplicador, que se chamam tambem factores do producto, pode variar. O producto não muda, não se altera, si escrevermos 1.º o multiplicador, depois o multiplicando ou vice-versa. A ordem dos factores, poderão vocês dizer, não altera o producto.

Paulo, passe os lapis ao Joel e pôde assentar-se. Joel, tire mais dois lapis na mesa.
(O alumno obedece)
Com quantos ficou?

A.—Fiquei com quatro lapis.
P.—Quatro lapis o que é de dois lapis?
A.—Quatro lapis é o dobro de dois lapis.
P.—Separe os lapis em duas partes eguaes ao meu.

(O alumno obedece)



VIVEIRO DE EUCALYPTOS. ESCOLAS DOM BOSCO (CACHOEIRA DO CAMPO).

Fale o que fez e quantos lapis collocou em cada mão.

P.—Dois lapis que parte é de quatro lapis, Tito?

A.—Dois lapis é a metade de quatro lapis.

P.—Muito bem. Como posso fazer o n. 4, com os lapis dispostos, assim, como estão?

A.—Pode fazer quatro com dois mais dois.

P.—E' isto mesmo. (Escrevendo debaixo de: 1+1, no quadro, sem perturbar a ordem observada para os factores que deverão ser escriptos) 2+2=4.

Quantas vezes estou vendo o dois repetido? Fale, Ondina.

A.—Vejo o dois repetido duas vezes.

P.—Quantos lapis são duas vezes dois lapis?

A.—Duas vezes dois lapis são quatro lapis.

P.—Vai escrever o que falou, no quadro, abaixo e em ordem do que já está lá escripto.

A.—(Hesitando).

P.—Qual é o n. que você vê repetido nas mãos de seu collega?

A.—E' dois.

P.—Escreva então esse numero. (Depois de obedecida a ordem)

Quantas vezes o dois se repete?

A.—Duas vezes.

P.—Diga: Repete-se duas vezes. Escreva então o n. que falou.

(A alumna obedece)

Não falta alguma cousa?

(*Signaes da classe*)

Fale, Auta.

A.—Falta o signal.

P.—Qual é? E' este (mostra o signal mais ou este (mostra outro equal)? Venha mostrar qual é.

A.—E' este (levantando-se e mostrando o respectivo signal)

P.—Muito bem. Como se lê esse signal?

A.—Vezes ou multiplicado por.

P.—E' isto mesmo. Assente-se.

Escreva então o signal que Auta mostrou, Ondina.

(A alumna erecta a ordem)

E agora que deve fazer?

A.—(Mostrando o signal de igualdade)

P.—Escreva então esse signal e o producto e leia o que escreveu.

A.—Duas vezes dois é igual a quatro.

P.—Assente-se. Joel tambem pode assentar-se, passando os lapis ao Elmyro.

Elmyro, quantos lapis cada collega seu tem tirado de cada vez, na mesa?

A.—Cada um tem tirado dois lapis.

P.—E' isto mesmo. Cada um tira na mesa dois lapis e acrescenta aos que tem na mão. Pois então tire tambem mais dois e ajunte-os com os seus.

(O alumno obedece á ordem).

Quantos tem agora?

A.—Tenho seis lapis.

P.—Quantos tinha antes?

A.—Tinha quatro lapis.

P.—Então diga: Estava com quatro lapis, tirei mais dois na mesa e fiquei com seis.

Divida esses seis lapis com tres collegas seus. (O alumno obedece).

Quantos deu a cada um?

A.—Dei dois a cada um.

P.—Que parte dos lapis cada um recebeu?

A.—Cada um recebeu a terça parte dos lapis.

P.—Muito bem. Como posso fazer o n.° seis, com os lapis dispostos assim? Fale, Lillia.

A.—Pode fazer com dois mais dois mais dois.

P.—E' isto mesmo. Posso então escrever no quadro 2+2+2=6, abaixo das parcelas já escriptas e correspondendo com os productos respectivos:

$$\begin{array}{l|l|l} 2 \sim 1 = 2 & 1 \times 2 = 2 & 1 + 1 = 2 \\ 2 \times 2 = 4 & & 2 + 2 = 4 \\ & & 2 + 2 + 2 = 6 \end{array}$$

Quantas vezes vocês vêem o n. dois repetido?

Fale, Alzira.

A.—Vejo o dois repetido tres vezes.

P.—Vai escrever o que falou no quadro, bem direitinho, observando a ordem dos factores que lá estão.

(A alumna obedece).

Leia o que escreveu.

A.—Duas vezes tres é igual a seis.

—Elmyro, reuna os lapis, de novo, e separe-os em duas partes eguaes.

(Depois de obedecida a ordem).

Qual é o meio de seis? Fale, José.

A.—Um meio de seis é tres.

P.—Quantas vezes, agora, o tres se repete nas mãos de Elmyro? Diga, André.

A.—O tres se repete duas vezes.

P.—Escreva o que falou, adiante de: 2×3=6.

A.—(Escrevendo, conforme a ordem da)...

2×3=6 3×2=6.

P.—Que é que notaram? Responda, Socrates.

A.—E' a mesma cousa.

P.—E' isto mesmo; mas diga assim: Tanto vale multiplicar 2 por 3, como 3 por 2, o producto é o mesmo.

Então, Antenor, quem sabe: 2×3 (lendo e apontando o que está no quadro), precisa estudar: 3×2?

A.—Não, senhora.

P.—Por que razão multiplicando 2 por 3 ou 3 por 2, tudo é a mesma cousa?



VIDEIRAS — ESCOLAS DOM BOSCO (CACHOEIRA DO CAMPO).

A—Porque...
 P—Diga: Porque a ordem dos factores não altera o producto.
 (O alumno obedece)
 Elyma, dê os lapis a Lúcia e assente-se. Lúcia, tire mais dois na mesa, ajuntando-os com os seus.

Quantos tem agora?
 A—Tenho oito lapis.
 P—Reparta-os com quatro collegas seus. Depois nos fale quantos deu a cada um e que parte dos lapis cada um recebeu?
 A—Cada um recebeu dois lapis que são a quarta parte de oito lapis.

P—Qual é o 1.º modo, o mais natural, que se apresenta a você, para fazerem o numero oito? Pode falar, Alvarina.
 A—Posso formar oito com dois mais dois mais dois mais dois.

P—E' isto mesmo (escrevendo, no quadro, na ordem já indicada, o que disse a alumna) $2+2+2+2=8$. Como posso falar tambem, Joaquim?
 A—(Não sabendo responder).

P—Em vez de falarmos: dois mais dois mais dois mais dois, como podemos dizer? Ou por outra: quantas vezes você vê o n.º 2 repetido.
 A—Vejo dois repetido quatro vezes.

P—Diga então isto mesmo, substituindo por vezes a palavra repetido.
 A—Duas vezes quatro é igual a oito.

P—Vae escrever, no quadro, o que acabou de falar, mas naquella mesma ordem dos dois factores escriptos.

A—(Errando ao escrever no quadro) $4 \times 2 = 8$.
 P—Preste attenção. Qual é o n.º que você vê repetido? E' dois ou quatro?
 A—E' dois.

P—Então deve [por primeiro o n.º que você vê repetido.
 A—Mas a senhora não falou que a ordem dos factores não altera o producto?
 P—Sim; mas, assim, você está escrevendo o que não viu. Para você escrever: 4×2 que é que deveria fazer com os lapis?

A—(Hesitando).
 P—Quem sabe?
 (Signaes da classe).
 Diga, Francisca.

A—A Lúcia deveria partir os lapis ao meio.
 P—Por que?
 A—Porque, assim, ella veria o quatro duas vezes.

P—Muito bem. E' isto mesmo. Escreva, Lúcia, agora, como você vê e deve escrever.
 (A alumna obedece).

Como pode você escrever tambem? Vamos supor que você tenha dividido os lapis ao meio.
 A—Posso escrever: $4 \times 2 = 8$.

P—E' isto mesmo. Então Maria, que quer dizer: duas vezes quatro e quatro vezes dois?
 A—Duas vezes quatro quer dizer que o dois se repete quatro vezes; quatro vez dois quer dizer que o quatro se repete duas vezes.

P—Muito bem. Agora que já sabem que o multiplicador nos mostra quantas vezes o multiplicando se repete em parcelas, não precisamos mais esboçar a somma de parcelas eguaes que nos toma crever a somma de parcelas a abreviatura da somma; muito tempo.
 Vamos fazer uma somma que se effectua, que es faz mais depressa e que se chama multiplicação. Assim, vocês escreverão só os factores com os seus respectivos productos.

A Lúcia pôde assentar-se. Recoba os lapis, Paulina.

Augmente mais dois. Com quantos ficou?
 A—Fiquei com dez lapis.
 P—Divida-os com cinco collegas.
 (A alumna obedece).

Que parte dos lapis você deu a cada um?
 A—Dei...
 P—No 1.º anno, você's aprenderam que, quando se repartem as cousas ou os objectos, em partes eguaes, entre duas pessoas, cada parte tem o nome de metade; si a divisão é feita entre tres pessoas, cada parte tem o nome de terça parte; si é feita entre quatro pessoas, quarta parte; e si fór entre cinco pessoas?

A—(Ignorando).
 P—Chama-se quinta parte. Si a divisão fór feita, em partes eguaes, entre seis, sete, oito, etc. pessoas, cada parte recebe, respectivamente, o nome de sexta parte, setima, oitava, etc. partes.

Assim, Pedro, que parte dos 10 lapis deu a cada collega?

A—Dei a quinta parte a cada um.
 P—Por que?
 A—Porque dividi os lapis com cinco alumnos.

P—E si os dividisse com seis alumnos?
 A—Cada um receberia a sexta parte.
 P—Si os dividisse com sete?
 A—Cada um receberia a setima parte.

P—E, assim, por diante. Vamos vê agora o que deve você escrever, no quadro. Olhe o que fez, o que vê e nos fale o que vai escrever.

A—You escrever duas vezes cinco que são dez.
 P—Muito bem. Escreva o que falou e a outra forma de se obter o mesmo producto.

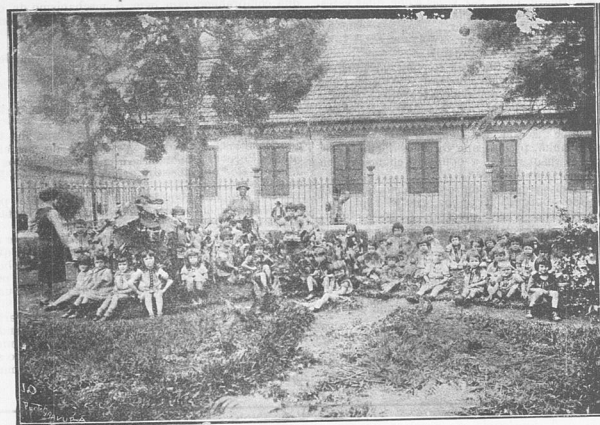
A—(No quadro) $2 \times 5 = 10$ $5 \times 2 = 10$.
 P—Assente-se, Paulina, passando os lapis á Elzira.

Elzira, quantos lapis recebeu e quantos faltam pra ter uma duzia?
 A—Tenho 10 lapis e faltam-me dois para ter uma duzia.

P—Tire os dois que faltam na mesa. Fôrme grupos de dois lapis e me diga quantos formou. Cada grupo você pode dar a um collega.

A—Posso formar seis grupos de dois.
 P—E seis é o que é de doze?
 A—Seis é a metade de doze.

P—Repárense que se pode formar sempre a metade do numero dado, em grupos de dois.
 Com doze, podem ser formados 6 grupos de 2; com 14, 7 e assim por diante.
 Você formou dois, seis vezes. Que deve então escrever?



JARDIM DA INFANCIA DE JUIZ DE FORA. — AULA DE JARDINAÇEM, ONDE OS ALUNOS CULTIVAM O MILHO, FEIJÃO, COUVE, ALFACE, NABOS, CENOURAS, RABANETES, ETC. E FLORES DE DIVERSAS QUALIDADES (NO DIA DA COLHEITA DA ALFACE).

A—Devo escrever duas vezes seis? é igual a doze.
 P—Faça isto então e escreva o inverso tambem.
 A— $2 \times 6 = 12$ $6 \times 2 = 12$.

P—Então, Jurez, com 12 lapis quantos grupos de dois e quantos de seis podemos fazer?
 A—Podemos fazer seis grupos de dois e dois grupos de seis.

P—Muito bem. Como já sabemos o meio pratico para descobrirem o n.º de grupos de dois que podem formar com um n.º de lapis, dado, para evitar que fiquem com muitos lapis é mais, sem poder segurá-los bem, vamos agora fazer o exercicio oral e de cabeça.

André, quantos grupos de dois você poderá formar com 14 grãos de feijão?
 A—Posso formar sete grupos de dois grãos de feijão?

P—Como poudé você responder-me tão prontamente?
 A—Porque eu sei que a metade de 14 é 7.
 P—Então vá escrever o que nos disse, no quadro.
 A— $2 \times 7 = 14$.

P—Qualquer que já sabem que a ordem dos factores não altera o producto, quando escreverem uma forma de se obter um producto qualquer, escrevam a outra forma tambem.

Que é quelpedo escrever tambem?
 A—Posso escrever sete vezes dois que são quatorze tambem.
 P—Que quer dizer: 7×2 ?
 A—Quer dizer que o sete se repete duas vezes.

P—Muito bem. Assente-se. Olga, quantos grupos de dois e quantos de oito você pode formar com 15 grãos de milho?
 A—Posso formar dois, oito vezes e oito, duas vezes.

P—Perfeitamente. Escreva essas duas fórmãs, no quadro.
 A— $2 \times 8 = 16$ $8 \times 2 = 16$ (na mesma ordem dos outros factores).

P—Assente-se. Elton, quantos grupos de dois e quantos de nove, você poderá formar com 18 canetas?
 A—Poderei formar dois, nove vezes e nove, duas vezes?

P—E' isto mesmo. Vai escrever as duas fórmãs que você falou.
 A— $2 \times 9 = 18$ $9 \times 2 = 18$

P—Muito bem, Chame um collega qualquer para responder a que eu perguntar.
 A—Manoel.
 P—Levante-se, Manoel. Quantos grupos de dois e quantos de 10 você formará com 20 pennas?

A—Formarei dois, dez vezes e dez, duas vezes.
 P—Vai escrever o que falou.
 A—2 = 10 10 x 3 = 30.
 P—Leia o que escreveu.
 (O alumno obedece á ordem).
 Alvaro, leia tudo que está escrito, no quadro.
 (Depois de obedecida a ordem).
 Repete, Celina, o que leu o Alvaro.
 (A alumna obedece).

Copiem em seus cadernos a taboa de multiplicar de 2, que fizeram. Estudem n'a bem em casa, porque, amanhã, preciso que vocês a saibam de cór, para poder ensinar-lhes a operação chamada, em Arithmetica, multiplicação.

A—Preciso copiar os outros productos tambem?
 P—Não, porque, na taboa que já copiamos, poderão vér estas fórmãs (mostra). E' só você fazer em 1º lugar o multiplicador e depois o multiplicando.

A vantagem dos alumnos verificarem, por meio dos lapis ou canetas, que a ordem dos factores não altera o producto, é que, apprendendo a taboa de 2, ficam sabendo tambem o producto de 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10, por 2, o que já facilita o estudo das outras taboas.

No dia seguinte, a professora, fazendo applicação da taboa, já formada, ensinará a classe a resolver problemas de multiplicar, sendo o multiplicador o n. 2. Depois, quando os alumnos mostrarem

que comprehendem bem o mecanismo da operação, o multiplicador variará nos limites dos conhecimentos dados.

Poderá ser: 221, 102, 2002, 120, etc.
 A medida que os alumnos forem formando as taboas de multiplicar, deverão applical-as na respectiva operação, ficando vencidas todas as difficuldades que poderão encontrar na vida pratica.

Para formarem as outras taboas, á orientação a seguir é sempre a mesma.

O professor pedirá aos alumnos que lhe tragam palitos, pedrinhas, pausinhos de madeira, e guinas (tornos) e mandará que formem grupos de 3, 4, 5, etc. objectos, conforme a taboa a ser formada.

Os alumnos interessam-se, naturalmente, pela lição, cooperando, com o seu esforço e boa vontade, para a formação da taboa em questio.

Brincando e se divertindo, apprendendo, com rapidez, a conta de multiplicar, ao mesmo tempo que, oralmente, fazem exercicio de divisão, cujas taboas são dispensaveis, visto ser o multiplicando o producto do divisor pelo quociente mais o resto, quando hoover.

Depois de formadas todas as taboas, para variar o modo de recordal-as, poderá o professor mandar fazer a taboa de Pythagoras, em que os alumnos reforçariam os seus conhecimentos, exercitando se, cada vez mais, nos calculos oraes de somma e multiplicação.

A tendencia da creança para o desenvolvimento manifesta-se pelo brinquedo e pela imitação. — CLAPARÈDE.

Lição de lingua patria

MARIA RITA BURNIER

PRIMEIRO ANNO — PRIMEIRO SEMESTRE

Conversa com os alumnos a fim de desenvolver-lhes a expressao oral, esforçando-se o professor para que a linguagem d'elles seja clara e correcta e a dicção bastante nitida.

O assumpto versará sobre a vida do proprio alumno, sua familia, seus deveres na escola, etc.

Tambem fornecerão excellentes assumpto as gravuras coloridas.—(Do programma do ensino primario).

ENSINAR a falar correctamente, ensinar a boa dicção, emprego exacto das flexões das palavras, a perfeita construcção da phrase, a creancinhas das sete e oito annos não é coisa muito facil.

Falar-lhes em theorias, dar-lhes regras e preceitos abstractos de grammatica é tarefa inutil, impropicia e prejudicial. Nunca me esquecerei da pergunta que

uma pequenita me fez, após haver decorado, na escola, a definição: Substantivo é a palavra com que designamos o ser, pessoa, cousa ou animal.

—Diga-me, professora, póde a gente ser animal?

A' minha admirada interrogação, ella continuou:—E' porque a nossa professora nos ensinou que substantivo é a palavra com que designamos ser pessoa, cousa ou animal.

A pequena não comprehendera a significação das palavras e dera outro sentido á phrase.

E será esse, invariavelmente, o resultado colhido por todos aquelles que erroneamente tentarem implantar nesses pequeninos cerebros ainda em formação, as abstracções e as regras.

De que modo, pois, dirá, iniciar o ensino da lingua materna?

E' simples: escolher themas proprios á vida infantil, fazer-se creança em meio ás creanças, con-

versar com ellas, provocal-as a emittr idéas, obrigal-as a falar, corrigindo-lhes os defeitos de linguagem, fazendo com que repitam as phrases depois de correctas, etc.

Apparelhado, assim, o espirito da creança receberá facilmente, mais tarde, os preceitos e as regras grammaticas indispensaveis, aliás, em um curso mais desenvolvido, digamos mesmo, nos demãos annos do curso primario.

O programma do ensino, em Minas, nada deixa a desejar na parte relativa ao primeiro anno de portuguez, e o professor que o souber fielmente executar, verá seus esforços coroados do melhor exito.

Esse methodo e estas modestas lições escriptas de accordo com elle e destinadas ao primeira anno, parecerão, talvez, pueris aquelles que apenas theoreticamente conhecem o ensino primario.

Não ha, entretanto, outro methodo efficiente a seguir.

• Antes de ensinar a ler, é preciso ensinar a ver-diz Maria Montessori.

Antes de ensinar as regras para corrigir a phrase, é preciso ensinar a formar a propria phrase.

SEXTA LIÇÃO DA SERIE E SEGUNDA RELATIVA AO SEGUNDO ANNO



LUCIANO E MARIA

(Destacar a gravura da Revista e pregal-a no quadro negro).

Professora—Vamos conversar, hoje, sobre estes dois irmãosinhos, Luciano e Maria.

Racão como são lindos!
 Luciano faz hoje onze annos e está radiante com os presentes que recebeu.

A mamãe arranjou-lhe o quarto com muito carinho, encheu as jarras de lídres frescos e cheirosos, por nas janelãs lindas cortinas brancas, e, num angulo do quarto, collocou uma escrivaninha envernizada, comprada especialmente para elle.

Maria, que é uma boa menina, com todo o prazer auxiliou a mamãe, enfeitando as cortinas e as jarras com laços de fita, ajudando a estender a cama, arranjando as lídres, etc.

Excellent irmã, ella se sentia feliz como si fosse ella a anniversariante.

Quando Luciano chegou da igreja, onde fóra assistir á Missa, em companhia do papae, teve tamanha alegria encontrando o seu quartinho todo enfeitado e florido, e vendo a bonita escrivaninha que o papae e a mamãe lhe offerciam, que ficou tremulo, com os olhos arrasados de lagrimas e não pôde pronunciar uma unica palavra.

Muito comovido, apertou nos braços o papae, a mamãe, e cobriu de beijos a maninha.

Depois do almoço, novas surpresas o esperavam.

Sua boa professora enviou-lhe um rico livro de historias muito bem encaernado e cheio de gravuras. Antonio, seu companheiro de carteira, offerceu-lhe um excellentes estojó para desenho e o tio Alfredo, irmão da mamãe, trouxe-lhe esta sanfona.

Luciano ficou louco de alegria... Elle que gostava tanto de musica!

Ei-lo aqui, todo contente, a ver se consegue tocar alguma cousa.

Ahida não está habituado com a sanfona, e quando quer tirar uma nota, sae outra muito diferente.

Maria ri-se gosiosamente do pouco jeito do irmão, e diz-lhe:

—Qual, Luciano, para musico você não dá!

—Espere, lá, Maria! E' só questio de estudar um pouco...

Amanhã não haverá sanfonista melhor do que eu!...

P—Vejamos, agora, si prestaram bastante attenção á historia que acabei de contar. Em primeiro lugar quero que me digam porque motivo este pequeno está todo risonho e satisfeito.

(Signal dos alumnos)
 P—Responda, Mauricio.

A—Porque faz annos hoje.

P—Diga você, Carlos.

A—Elle está contente, porque recebeu muitos presentes.

P—Fale, você Paulo.

A—Elle está contente porque ganhou uma escrivaninha.

P—E qual é o nome do pequeno?

(Signal dos alumnos)
 P—Responda, Antonio.

A—O pequeno chama-se Luciano.

P—Muito bem. O pequeno chama-se Luciano.

Reparem que o Antonio não esqueceu a minha ultima explicação: é preciso dizer sempre assim: chama-se, chama-me, elle se chama, eu me chamo, etc

Digam-me, agora, quantos annos faz hoje o Luciano?

(Signal dos alumnos)

P.—Diga, Arthur.

A.—Luciano faz hoje oito annos.

P.—Justamente. E por ser dia de seu anniversario, bom e obediente como é, recebeu muitos presentes, muitas provas de carinho, ganhou um es-
crivanhinha... e que mais?

A.—Um livro de historias, um estojo e uma sanfona.

P.—Quem lhe deu o livro de historias?

(Signal dos alumnos)

P.—Responda, Martha.

A.—Foi a professora delle.

P.—Em vez de—a professora d'elle—vamos en-
pregar outra expressão mais elegante e mais correcta.
Foi a...

A.—Sua professora.

P.—Agora sim. Está correcta a phrase.

Qual foi o presente do papae e da mamãe?

(Signal dos alumnos)

P.—Diga, Lucilla.

A.—O papae e a mamãe deram uma escrivaniha.

P.—Sim, mas a phrase não está completa. O pa-
pae e a mamãe deram uma escrivaniha a quem?

A.—O papae e mamãe deram uma escrivaniha
a elle.

P.—Ainda está incorrecta a phrase. Não de-
vemos dizer: *deram a mim, mas deram-me, deram
e lá, mas deram-te*: logo em vez de deram a elle
deve ser...

A.—Deram-lhe.

P.—E' assim mesmo. Agora diga a phrase cor-
recta.

A.—O papae e a mamãe deram-lhe uma es-
crivaniha.

(Explicar o que é e para que serve a escrivani-
ha; nunca se deve perder uma occasião de ensinar,
de explicar, de adicionar ao ensino da lingua pa-
tria as lições de cousas suggeridas pelo assumpto).

P.—E o presente do collega, qual foi?

(Signal dos alumnos)

P.—Responda, Alayde.

A.—O presente do Arthur foi um estojo.

P.—Bem. Que transformação encontrou o Lu-
ciano no seu quarto?

(Signal dos alumnos)

P.—Diga você, Marieta.

A.—Elle encontrou flores nas jarras, cortinas
brancas nas janellas e a escrivaniha em um canto
do quarto.

P.—Muito bem. Eu havia dito: em um angulo
do quarto e angulo, aqui, significa, mesmo, canto,
como você acaba de dizer.

Então o Luciano encontrou tudo isso, quando
voltou á casa. Mas onde estava elle, enquanto ma-
mãe e a Maria arranjaram o quarto?

(Signal dos alumnos)

P.—Responda, Luis.

A.—O Luciano estava na missa.

P.—Quem sabe corrigir a phrase do Luis?

Então ninguém sabe? Acham que a resposta
dada por elle está certa? O Luciano estava na missa...

Mas missa é acto da egreja, uma reunião de ora-
ções, um conjunto de cerimoniaes que o sacerdote
pratica no altar... O Luciano estava na missa, ou na
egreja?

A.—A. Estava na egreja.

P.—Certamente. Estava na egreja, assistindo á...

A.—A' Missa.

P.—Agora vocês não dirão mais: *eu estava na
missa, eu fui no sermão, eu irei na recza, mas eu
estava na egreja, ouvido a missa, eu irei á
recza*. Mas continuemos.

Ao ver tudo enfeitado, que disse o Luciano,
João?

A.—Elle não disse nada. Ficou muito commo-
vido, abraçou o papae e a mamãe e beijou a Maria.

P.—E' isso mesmo, João, mas a sua phrase
não está correcta. Não é de bom uso o emprego
de dizer: *elle nada disse*. Assim, por exemplo, em
logar de *eu não escrevi nada*, convem dizer: *eu
nada escrevi*; em vez de *eu não comprarei nada*, de-
vemos dizer: *eu nada comprei*; por—*eu não iri na-
da*, diremos: *eu nada vi*. Agora vocês vão corri-
gir as phrases que eu disser. Prestem attenção.

Eu não pedi nada.

AA—Eu nada pedi.

P.—Este menino não vê nada.

AA—Eu nada pedi.

P.—Pedro foi hontem na missa das oito.

AA—Pedro foi hontem á missa das oito.

P.—Papae vai sempre no cinema.

AA—Papae vai sempre ao cinema.

P.—Bem. O Luciano nada disse; estava tremu-
lo e tinha os olhos rasos d'agua.

Está claro que não eram lagrimas de dôr; ao
contrario, eram lagrimas de alegria, de commoção,
de agradecimento pelas provas de amizade que re-
cebeu.

Tambem elle as merece e muito, pois é meigo,
obediente e amoroso.

Todos os meninos que obedecem a seus paes,
que os amam, que os respeitam, que cumprem com
prazer os seus deveres, recebem demonstrações de
carinho como Luciano recebeu.

E si a mamãe e o papae são pobres, si não po-
dem comprar custosos presentes, têm sempre para
o filhinho querido, no dia de seus annos, um abraço
tão corinhoso, uma bençãam tão cheia de amor, que
este se sente feliz, como se houvesse recebido os
mais valiosos mimos.

Não ha bem mais precioso que o amor dos
paes, e a grandeza do seu affeito, as preces ardentes
que elles elevam ao céo pela felicidade de seus
filhos, valem mais que todas as riquezas do mundo.

Mas voltemos á nossa historia. Estamos es-
quecendo o presente do tio Alfredo. Qual foi elle?

(Signal dos alumnos)

P.—Responda, Sylvia.

A.—Foi a sanfona.

P.—Sim, e aqui está o Luciano de sanfona em
puzo, a conversar com a irmã. Que estarão di-
zendo?

(Signal dos alumnos)

P.—Diga, Marietta.

A.—O Luciano não sabe tocar e a Maria está
achando muita graça e dizendo:—Qual, Luciano,
para musico, você não dá.

P.—E que lhe respondeu Luciano?

A.—Luciano respondeu que era só questão de
estudar um pouco, e que, amanhã, elle havia de sa-
ber tocar muito bem.

P.—E' isso. Luciano respondeu: Espera, lá,
Maria!

E só questão de estudar um pouco... Amanhã
não haverá sanfonista melhor do que eu!...

E é verdade; com paciencia, estudo e força
de vontade, poderemos vencer as maiores difficul-
dades.

Agora, abram seus cadernos de classe, e copi-
em o que eu vou escrever no quadro.

*A professora vai lendo as phrases, á pro-
porção que as escreve no quadro em caracteres
grandes e legiveis:*

Luciano é irmão de Maria.

Luciano tem onze annos.

Maria é uma boa menina.

Luciano não sabe tocar sanfona.



ESCOLA INFANTIL BUENO BRANDÃO: Festa da Bandeira — Fado das triganas.

Segundo estatística organizada pelo «Diario de Minas», desta capital, eleva-se a 16.428 o numero de alumnos que, presentemente, frequentam as casas de ensino em Belo Horizonte, officias e particulares.

Como evitar a tuberculose

Conselhos e noções que os alumnos devem saber

ALUMNO—No muro da Escola estão varios cartazes ensinando a evitar uma tal tuberculose. Quem é essa tuberculose que tanto dá que falar?

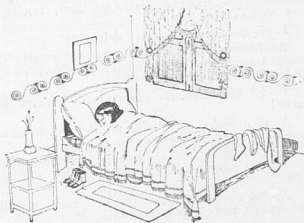
Professor—E' a mais mortifera das doencas contagiosas, aquella que maiores estragos causa á Humanidade e que a cada instante nos ameaça.

A—Então devemos realmente procurar evital-a?

A—Sem duvida. Como é que ella é produzida?

P—A tuberculose é causada por um microbio descoberto pelo allemaõ Koch.

A—Mas de onde vem esse microbio?



NÃO DORMIR NUNCA COM JANELLA TRANCADA.

P—Vem sempre, directa ou indirectamente de uma pessoa tuberculosa. O tuberculoso elimina abundantemente este microbio que, attingindo outras pessoas, produz-lhes tambem a molestia.

A—Como pode o microbio passar directamente do doente para outra pessoa?

P—Quando o doente tosse, os microbios são expellidos podendo attingir a quem está perto, o que tambem acontece quando o doente fala em voz alta soltando perdigotos.

A—E indirectamente?

P—Indirectamente de mil e uma maneiras, mas principalmente pelo escarro que podendo, conter numero infinito de microbios, espalha-os por toda parte.

A—Mas como havemos de evitar tantos perigos?

A—E' verdade, somos todos jovens e todos cheios de aspirações; temos, pois, necessidade de saber evitar esta terrivel molestia que viria destruir os nossos castellos!

P—Pois podeis ficar tranquillos que ella é evitavel e, frequentemente, tambem curavel.

A—Então porque faz ella tantas victimas se é evitavel e pode ser curada?

P—Essa é a que é questão. A maior parte das pessoas não sabe os meios de se prevenir contra ella, alliaz facilimos, e, se os sabe, não os põe em pratica.

A—O que é o essencial.

P—Certo. E já assim pensais estou convencido de que todos ireis praticar religiosamente os preceitos higienicos que vos vou transmitir.

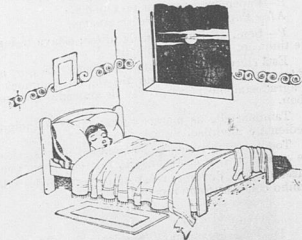
A—Juramos cumpri-lo!

P—Então ouvi:—antes de tudo deveis vos alimantar bem.

A—Isto eu faço.

P—Mas não é só comer muito. E' necessario que sejam alimentos uteis, taes como o leite, as farinhas, o arroz, o feijão, a manteiga, as fructas, o pão, a carne, os vegetaes, mas tudo na sua hora apropriada e muito bem mastigadinho para que a digestão se faça bem.

A—E o café?



TEL-A SEMPRE ABERTA.

P—Em logar do café deveis vos habituar a beber pelo menos dois copos de leite por dia.

A—E o chá faz mal?

P—Em vez do chá deveis chupar uma laranja.

A—O que é mais saboroso.

P—Além de uma boa alimentaçãõ sadia, é indispensavel que respireis sempre ar puro e tomeis sol.

A—De que modo?

P—Ficando o maior tempo possivel ao ar livre, evitando os logares abafados, as salas mal ventiladas e cheias de gente, e, o que é importantissimo, dormindo sempre com a janella aberta.

A—E devemos dormir muitas horas durante a noite?

P—Na idade escolar pelo menos 10 horas.

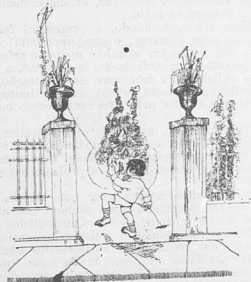
A—Mas como tudo isso é tão facil de se fazer!



NÃO LEVAR VIDA SEDENTARIA...

P—Para que o ar puro seja bem aproveitado é preciso que se tenha o thorax amplo, bem desenvolvido e sem deformações.

A—Como se consegue isto?



... MAS TANTO QUANTO POSSIVEL AO AR LIVRE.

P—Pela gymnastica respiratoria que deveis fazer todos os dias e durante toda a vossa vida; pela correctãõ posição na carteira; pelo modo cor-

recto de se escrever e ler; pela elegancia do porte, isto é, a fronte erguida e o thorax aberto.

A—Tudo isso nos parece facilmente praticavel!

P—Mas é necessario fazer tudo com methodo e moderação—horas de trabalho, horas de repouso e horas de recreio.

A—Que mais devemos fazer?

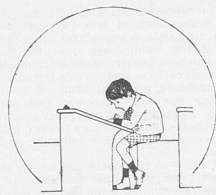
P—Outras recommendações são de capital importancia: assim, nunca deveis escarrar ou cuspir no chão. Alem de ser feio é perigoso.

A—«Escarrar no chão é má acção».

P—Bravo. Só se deve escarrar na escarradeira, no mictorio ou no ralo do exgoto.

A—Não seria tambem conveniente termos cuidado com as nossas mãos?

P—Sem duvida. Devemos laval-as com sabão e agua antes e depois de cada refeição, toda vez que chegarmos da rua e sempre que tocarmos objectos suspeitos, como dinheiro, por exemplo. Não devemos ainda dar a mão a um tuberculoso.



NUNCA TOMAR POSIÇÃO DEFEITUOSA NA CARTEIRA.

A—E se não conseguirmos evital-o?

P—Lavaremos então cuidadosamente as mãos.

A—Não esqueceremos os vossos conselhos.

P—Então guardai ainda: nunca pôr a mão na bocca ou no nariz, ter cada um o seu copo, nunca entrar no quarto de doente, supprimir o habito dos beijos e nunca varrer casa nem ficar perto de quem varre.

A—Assim a casa fica suja!

P—Não! Em logar da vassoura, empregar sempre o panno molhado. E eis tudo.

L. M.

Não se concebe a profissão de educador sem este auxilio poderoso: o amor. — LAFOND.

cantar, é indispensável saber respirar. Dahl, a necessidade da educação respiratória, de que trataremos oportunamente.

Não nos esqueçamos, pois, de que a professora deve conduzir a sua classe de canto com segurança e decisão, mas também com relativa tolerância e prudência.

Deve cuidar, desde as primeiras aulas, de rectificar as entoações duvidosas, corrigir as desafinações, mas tendo sempre em vista a ocorrência de todas as circunstâncias que acabamos de apontar.

A educação do pequeno cantor faz-se pelo ouvido, como é do aprendiz de desenhista se faz pela vista. Quem desenha desenvolve a dextreza, a leveza e a precisão dos movimentos dos dedos e a mão sob o «controle» da vista; é, por assim dizer, a vista que desenha; a mão não faz sino obedecer. Do mesmo modo, no canto: o ouvido manda, e o aparelho fonador obedece. E, pois, a acção da professora, dirigindo a aula de canto, não se fará por meio de observações pessoais ao aluno ou à classe, mas cantando e tornando a cantar, para que estes, por si mesmo, vão aguçando a voz. É o melhor processo.

Certos actos da vida pratica, aliás, nos dão disso uma noção clara. Não explicamos, por exemplo, a uma criança como se joga uma pedra ou se atira uma seta, especificando-lhe os movimentos do braço ou da mão; designamos-lhe apenas o fim ou o objectivo, e ella por si propria tomará, com maior ou menor presteza, a attitude e os movimentos que individualmente lhe convêm e que permitam a realização do fim collimado. Assim também, ouvindo cantar certo, entoado, a criança aos pontos está tomando a afinação, espontaneamente, deixando correr livremente a voz ou, como se diz communmente, «en laissant aller sa voix»...

4) *Numa classe de canto por audição nunca se deverá fazer o alumno ouvir um som muito agudo, muito elevado.*

Não seria devidamente apreciado pelo ouvido. E, na imagem feliz de um illustre mestre, o som muito elevado é qual uma ave que, pairando muito alto, se torna invisivel.

Um som muito grave estaria no mesmo caso.

É indispensavel que, nos exercicios de entoação e de canto, as creanças ouvam tão somente os sons que possam realmente emitir de maneira clara e precisa.

A voz infantil, nos Jardins e Escolas Maternas, geralmente abrange apenas uma quinta; nas escolas e grupos, poderá abraçar um intervalo de decima, limite que absolutamente não deve ser ultrapassado.

5) Para que a educação do ouvido tenha utilidade efficiente cumpre ainda:

Que as aulas sejam diarias, porêm dadas para cada anno do curso separadamente, nas respectivas classes.

(É' obvia a vantagem do exercicio quotidiano do canto, feito por todos os alumnos, mas em grupos ou classes separadas).

Que as lições sejam breves, não excedendo de 8 a 10 minutos.

O motivo dessa limitação é claro: si a attenção, como dissemos, é mantida com prazer, pelas creanças, por ser a aula de canto para ellas um momento de recreação e de alegria — prolongados os exercicios, essa attenção se cança e as creanças se enfadam, acabando por acompanhá-las penosamente.

6) *No momento de cantar, os meninos não devem ouvir melodia estranha á que estão executando;* isto é, cumpre que a professora tenha o maior cuidado em evitar que o ouvido da turma, sob sua direcção seja impressionado ou affectado por outra harmonia.

Convenem ter em vista essa circumstancia, que pôde perturbar de muita uma aula de canto; quando as salas de aula forem muito proximas, reservado o exercicio do canto para horas diferentes.

Entretanto, como não se deve cantar gritando e, sim, com voz branda, não nos devemos preocupar muito com esse inconveniente, porque parece que o canto de uma sala não será ouvido em outra de maneira accentuada.

7) *Os alumnos devem sempre participar activamente no processo de aprender a cantar,* isto é, não convem exigir que elles escutem passivamente muito tempo.

Algumas vezes, o escolar está olhando a professora enquanto esta canta e, entretanto, não está recebendo nenhuma impressão fixa. É' frequente os alumnos apparentarem estar prestando attenção com o olhar, mas tendo o pensamento occupado com assumpto inteiramente alheio á materia da lição. Lembra-me aqui um facto interessante.

Uma professora americana sentiu-se encantada com o apparente interesse revelado por um de seus alumnos, o qual conservou o olhar fixo nella durante todo o tempo da lição. Terminada esta, surtante-lhe a professora, ao ouvir-lhe dizer: «Miss Jones, a senhora não mexeu uma só vez com o queixo durante todo o tempo que esteve falando»...

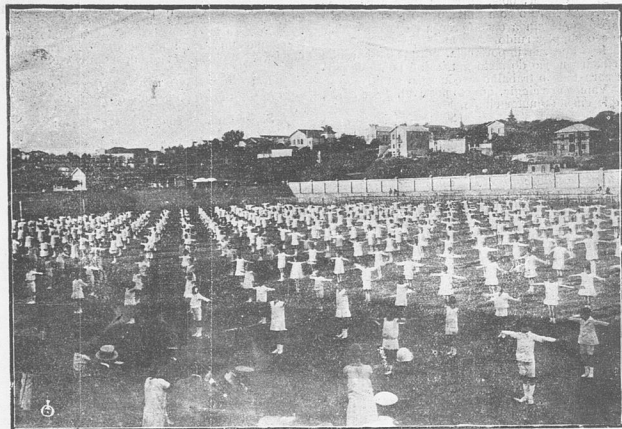
Isso prova que é preciso não deixar que os alumnos fiquem como espectadores apenas, ouvindo.

A professora não deve descuidar-se de interessar sempre os alumnos no trabalho; de verificar, por meio de perguntas, etc., si elles estão acompanhando devidamente a lição.

Erra muito quem suppõe que as creanças sejam capazes de escutar longo tempo, ainda quando se fala ou se canta bem.

8) *A professora deve conseguir e manter a attenção de toda a classe.*

Numa classe de canto, em geral, as creanças estão sempre animadas da melhor disposição; mas



EXERCICIOS DE GYMNASTICA RITHMICA DOS ALUNNOS DOS GRUPOS «BARÃO DO RIO BRANCO» E «AFFONSO PENNA», NO STADIUM DO «AMERICA» (CAPITAL)

encontramos ás vezes alguns meninos sem gosto, negligentes ou distraihidos. E' bom que a professora se conserve de pé, ou então sentada, mas de modo que veja a classe inteira, ao mesmo tempo. O olhar é susceptivel de ser educado e o seu alcance muito augmentado; podemos aprender a vêr e a vigiar cada um dos alumnos, e ao mesmo tempo. Si o menino sente que o olhar da professora está constante e tranqullamente tomado nota do que se passa com elle, não pôde deixar de sentir-lhe a influencia.

No caso de meninos que estão sem cantar ou cantando mal, fazer parar o côro, interromper o canto para advertillos, apresenta o grave inconveniente de distrahir toda a classe, de desviar a boa disposição dos que cantam com prazer, o que acarreta perda de tempo e prejuizo para o resto da classe. Deixar, por outro lado, que taes alumnos continuem alheios ao trabalho e prazer geraes, não seria tambem censuravel? Como agir então? Com o olhar. Não com o olhar indifferente e indeciso, ou frouxo de tempo e prejuizo para o resto da classe. Deixar, por outro lado, que taes alumnos continuem alheios ao trabalho e prazer geraes, não seria tambem censuravel? Como agir então? Com o olhar. Não com o olhar indifferente e indeciso, ou frouxo de tempo e prejuizo para o resto da classe. Deixar, por outro lado, que taes alumnos continuem alheios ao trabalho e prazer geraes, não seria tambem censuravel? Como agir então? Com o olhar, sabemos, é significativo; tem um poder magico: atrai, guia, recompensa, castiga, domina.

Alice Cary, no seu lindo poema «A encomenda de um quadro», toca numa corda commun,

quando, faz um homem, um adulto, pedir ao pintor que desenhasse o rosto de sua mãe, sem o olhar de «magnuda censura» com que a viu quando lhe disse a primeira mentira.

Feitas estas considerações geraes, que servirão para orientar o modo de se dirigir a educação auditiva de uma classe, vejamos alguns exercicios practicos preliminares, muito convenientes para educar nas creanças o organ da audição.

Como diz André Gedalge (*), o som não tem existência real para a creança; a melodia, mais ou menos vaga, que ella associa de modo quasi inconsciente ás palavras que «runcia», parece-lhe parte integrante da palavra; entoação cantada e entoação fallada se confundem no seu espirito; são duas modalidades apenas distinctas de uma mesma linguagem. É' mesmo certo que, para a maior parte das creanças, o som musical não é sinão uma forma da articulação do som fallado.

(* André Gedalge — L'Education méthodique de l'ordalie.

3) descrever, prazos aos tests diagnosticos, os pontos fracos, as falhas»;
4) por meio de exercicios correctivos apropriados remediar as falhas constatadas e elevar ao nivel normal os alumnos visados.

Quanto aos inspectores e directores de escolas, emarcados por suas funções de ayaliar a marcha dos estabelecimentos e das classes, poderão por meio dos tests sondar de relance e conhecer o nivel de toda a escola ou de tal ou qual classe, podendo assim comparar, umas com outras, as diferentes escolas ou classes. O mesmo se dá com o administrador de uma circumscripção escolar que poderá de prompto fazer um estudo comparativo dos estabelecimentos que lhe são sujeitos.

A segunda parte trata exclusivamente dos tests de instrução. Nella se estuda a sua natureza, a commodidade do seu emprego e sua utilização, havendo para cada materia tests de instrução até seu desenvolvimento completo; tests diagnosticos e exercicios correctiv's.

A terceira parte se dedica aos tests de intelligencia. Nella se expõe «a escala metrica de intelligencia». (Desenvolvimento natural ou facultade potencial do espirito). Por meio della se conseguem: 1) formar classes ou divisões homogêneas; 2) orientar os alumnos no genero de estudos que convem ás suas aptidões; 3) apreciar os esforços e progressos dos alumnos, o que se obtém pelo quociente do grau de instrução, pela sua idade mental. Nos bons alumnos este quociente é igual ou superior a um. Nos preguiçosos é menor que um.

A quarta parte trata da technica da construção dos tests, especificando os elementos das redações, os dispositivos apropriados e mais commodos, a escolha das questões adaptaveis a cada caso e finalmente a construção da escala metrica.

Tão abundantes são os dados individuaes ou collectivos fornecidos pelos tests que é absolutamente necessario conhecer-se a synopse systematica desses dados afim de apprehender suas relações e suas. Dahi a utilidade dos quadros estatísticos e dos graphicos que tendem a relacionar as diversas notas de tests de cada alumno de cada classe testada. A ficha obtida em cada individuo ou em cada grupo permite restabelecer immediatamente o equilibrio quando é perturbado por uma ou mais falhas, devendo para isso o educador comparar constantemente os resultados obtidos, para precisar o seu aproveitamento progressivo, procedendo então como o physico, que verifica a cada momento a exactidão de seus instrumentos.

Assim empregado, o methodo dos tests será de uma feundidade illimitada, do mesmo modo que absurdos e inominaveis resultariao do seu emprego sem esse rigor scientifico.

Seja bondoso, não bata num animal inoffensivo, não arranque nunca arvore inutilmente. — PITAGORAS.



FESTA DA BANDEIRA — «O SONHO DA CRIANÇA», ESCOLA INFANTIL BUENO BRANDÃO (CAPITAL)

A disciplina na concepção de Tagore

E' preciso uma grande reserva de sympathy, de comprehensão e de imaginação, para crear e educar as creanças. — disse Rabindranath Tagore. Necessitam ellas alcançar inteira plenitude de sua vida, para que possam contribuir depois no sentido de obter a humanidade de toda a sua plenitude. Ora, isto somente poderá conseguir-se mediante o exercicio de liberdade na intelligencia, no sentimento e na vontade. Nunca se poderia lograr essa plenitude tão procurada na vida do menino pela imposição exterior, pelas restricções da auctoridade ou por limitações da facultade creadora.

Desgraçadamente, porém, temos a traqueza do nosso amor pelo poder, e alguns educadores, a maior parte dos educadores, têm o amor inato pela auctoridade e si mesmas e julgam-se na obrigação de exercer essa auctoridade sobre a debil e indefesa personalidade da creança, afim de obterem a submissão, a passividade, amesquinhadora de corpos e espiritos.

E é a isto que chamam disciplina!...

«Os mestres que se vangloriam de sua disciplina, nasceram para tyranos», disse Tagore. Procuram triturar o cerebro infantil com trabalhos sem interesse, com tarefas mecanicas que destrõem o raciocinio e a frescura da intelligencia; comprazem-se com a espectaculo da dor e em parte alguma, podem encontrar tão propicio campo para exercer a sua auctoridade como nas aulas da escola. Sobre essas debis creaturas exercem o instinto selvagem do homem primitivo, que impoz a sua vontade e dominio por meio da força vigorosa da besta.

E o sub-consciente que nelles occulia toda um passado tenebroso de luctas barbaras contra a natureza bruta e contra o furia selvagem da fera. E' esse cervo ancestral, não controlado pelo senso da realidade e das necessidades imperiosas da infancia, o que, actuando em numerosos mestres da escola tradicional, impede na creança o amplo desenvolvimento de toda a sua personalidade, em holocausto de uma disciplina que hoje devemos considerar anachronica.

Essa disciplina, que impõe á creança largas horas de quietude, que lhe condemna toda a actividade pessoal, que exige a submissão servil da sua intelligencia ao curso das idéas dos mestres; que lhe tolhe toda manifestação de actividade physica ou espirital, que não se enquadre no limite estreito do thema que está desenvolvendo o professor, é uma disciplina fadada a formar manequins, e não cidadãos independentes.

Os mestres que tal disciplina impõem, deveriam, na expressão de Tagore, sentar prazas de verdugos ou de guardas de carceres, em lugar de serem educadores dos filhos dos homens.

A ARVORE

Em nosso ardoroso afã,
Na lucta pela existencia,
Temos na arvore uma irmã,
Que nos deu a Providencia.

Quanto bem d'ella não parte
Para ajudar-nos na vida!...
Para a arvore é, em qualquer parte,
A nossa amiga querida.

Amiga dos passarinhos,
Dos animaes é - o tambem:
Para todos mil carlinhos
Qual mãe amorosa tem.

Para honral-a e bemdizel-a
Ergamos a nossa voz!...
— Sejamos amigos d'ella
Assim, como é ella de nós!...

BENTO ERNESTO JUNIOR

Scenas da descoberta da America

Episodios que os alumnos revivem com naturalidade e graça.— Uma representação encantadora — Christovam Colombo, a sua vida e a sua historia.

SCENA I (Infancia)

Colombo: Estou tão contente por ter acabado a aula! Desejava saber se chegou algum navio.

(Corre rapidamente para o cêso)

Pae: Onde está Christovam? Preciso della na loja

Mãe: Creio que está lá em baixo, no desembarcadouro. Vou chamal-o: «Christovam, oh, Christovam!»

Christovam: Hein, mamãe?

Mãe: Seu pae precisa de você.

Christovam: Vou já.

Mãe: Corre para a loja. Seu pae o chama para ajudal-o a tecer a lã.

Christovam: (a seu pae): Quando eu crescer nãoerei tecelão, porem marinheiro.

Pae: Tollece, menino, vá trabalhar e não seja sonhador.

Anunciante: Colombo frequentou a escola até aos quatorze annos. Gostava de geographia e de fazer mappas e apreciava tambem os livros de viagens e as conversas dos marinheiros. Fez com estes diversas excursões, nas quaes teve muitas aventuras.

Quando ficou rapaz, foi a Portugal onde se casou com uma bella moça chamada Felipa, cujo pae tinha sido marinheiro. Quando elle morreu, deixou diversos papeis e mappas que Christovam gostava de estudar.

A scena seguinte mostra Colombo diante do rei João.

SCENA II

Christovam: Irei ao rei João, de Portugal e pedir-lhe-ei que me ajude a fazer uma viagem ao Mar Tenebroso, em procura da India.

Colombo (AO REI JOÃO): Desejo mostrar-vos minha carta maritima e contar-vos meu plano.

Rei João: Examinarei seu mappa e dir-lhe-ei dentro de alguns dias o que se pode fazer.

(Colombo sae).

Rei: Porque não hão de ser minhas as honras e as riquezas? Mandarei um navio, secretamente, para eu ficar sabendo se elle tem razão.

Rei (AO PAGEM): Vá depressa e traga dois homens.

A pagina que se vê lar, inspirada á nossa redacção pela revista «Normal Instructor and Primary Plans», contem magnifico estudo de geographia e historia, pelo chamado methodo de «projecto», que se organiza em aula.

Depois de ter feito a dissertação sobre alguns factos da vida de Christovam Colombo, as crianças contam a historia com palavras proprias e dramatizam-na. Em seguida, organizam um caderno sobre o assumpto, com illustrações por ellas mesmas desenhadas.



CHRISTOVAM COLOMBO

Final, o interesse dos alumnos por este estudo attinge a tão alto gráo, que resolveo escrever e representar uma comedia a respeito do caso. Inventam vestimentas a seu gosto, tudo organizam e, no dia da representação, convidam a professora a assistir. Antes de cada scena, um menino annuncia ao auditorio o que se vai seguir. Vejamos que admiravel trabalho:

COMEDIA SOBRE COLOMBO

Anunciante: Christovam Colombo nasceu em Genova, perto do mar. Preferia-o e os navios a tudo o mais. Seu pae era tecelão e Christovam não gostava desta profissão.

(Aos marinheiros): Tomem um navio, naveguem tão depressa quanto for possível e levem esta carta maritima.

Anunciante: A scena que se segue mostra os marinheiros voltando da viagem.

SCENA III (mesmo scenario da II)

Marinheiros: Houve uma terrivel tempestade e fomos felizes por termos podido voltar. A idéa de Colombo é louca. Não o deixeis persuadir-vos a fornecer-lhe dinheiro para os navios.

(Os marinheiros saem).

Colombo (ENTRANDO): Já acabou de examinar minha carta maritima?

Rei João: Não podemos aceitar seu plano. Não temos dinheiro nem navios.

Colombo: Estou muito despondido por não poderdes fornecer-me dinheiro para uma viagem tão importante: Mas, o que me causou maior decepção foi yossa astucia: experimentastes meu mappa, e porque vossos homens são covardes, julgaes que meu plano será um fracasso. Adeus!

Anunciante: Colombo ficou com muita raiva do rei João; por isto, elle e seu filho Diogo deixaram Portugal e foram para a Hespanha. Sua esposa morreu. Elle levou muitos annos tentando convencer o rei e a rainha da Hespanha. Afinal, triste e desanimado, resolveu ir a França, mas dissdiziram-no disto, como se explicará na scena seguinte:

SCENA IV (Na Hespanha)

Colombo: Passei tantos annos aqui, sem resultado, que resolvi ir á França.

Diogo: Pae, posso ir?

Colombo: De certo meu filho.

Crianças (NA RUA, COMENTANDO, A' SUA PASSAGEM).

Primeira criança: Ah! vai o homem que pensa que as arvores crescem com as raizes em cima dos ramos.

Segunda criança: Elle acredita que as pessoas podem viver do outro lado do mundo, e caminhar com as cabeças para baixo.

Tercera criança: E' maluco.

Colombo: Será uma jornada penosa, Diogo. Não tenho dinheiro.

Diogo: Porém eu sou forte, pae. Que é que estas crianças estão dizendo?

Colombo: Não sabem o que estão falando.

(Chegam ao Mosteiro).

João Perez: Entraes. Pareceis cansado e esta criança deve estar com fome.

Colombo: Sois muito bom e agradeço-vos muito. Expuz meus planos ao Rei e á Rainha e estes se negaram a accedêr ao meu pedido.



O REI FERNANDO E A RAINHA IZABEL

João Perez: Não desaniméis; não deveis deixar a Hespanha. Sou o conselheiro da Rainha e pedir-lhe-ei que vos ouça outra vez. Deveis ficar aqui até a minha volta. *(Sae).*

Anunciante: A seguinte scena mostra Colombo diante do Rei Fernando e da Rainha Isabel.

SCENA V (Na Hespanha)

Conselheiros da Rainha: Fizestes uma carta maritima? Affirmaes que o mundo é redondo como uma bola?

Colombo: Sim.

Conselheiros: E não tendes medo de navegar nesse Mar Tenebroso?

Colombo: Não.

Conselheiro: Quaes são vossas condições.

Colombo: Se eu for bem succedido, deveis me fazer almirante dos mares que eu navegar, nomear-me governador das terras que eu descobrir e dar-me a oitava parte das riquezas que eu achar.

Rei: Não podemos aceitar vossas condições.

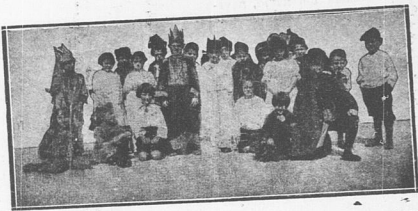
Rainha: Interesse-me muito pelos planos deste homem. De onde veio elle? Parece ter certeza do que está falando. Tenho confiança nelle.

Rei: Não, não podemos tomar-o em consideração. *(Colombo sae, muito triste).*

Rainha (ao pagem): Chame um mensageiro, depressa.

Rainha (ao mensageiro): Vá depressa e traga o homem que esteve aqui, agora mesmo.

Mensageiro (a Colombo): A rainha deseja que volteis.



TODOS OS PERSONAGENS COM OS SEUS TRAJES, SEM O AUXÍLIO DA PROFESSORA

(Colombo é anunciado.)

Rainha: Mandai-o entrar.

(Colombo entra e inclina-se profundamente diante della).

Rainha: Tive muita confiança em Vós, desde que vos ouvi falar pela primeira vez. O rei e seus conselheiros recusam ouvir-vos. De boa vontade, venderei todas as minhas joias para ajudar-vos e, assim, poderei fornecer dinheiro para tres navios.

Colombo: Isto muito me alegra. A nova terra será conquistada em nome da Rainha Isabel da Hespanha.

Rainha: Meus votos os acompanhem. Que a fortuna vos proteja.

SCENA VI

(Cinco semanas depois da partida, a bordo da Santa Maria).

Primeiro Marinheiro: Temos medo, Capitão.

Segundo Marinheiro: Já partimos ha cinco semanas e apenas vemos agua por toda a parte.

Tercero Marinheiro: O mar está tão negro e terrível.

Quarto Marinheiro: Nós todos queremos voltar.

Quinto Marinheiro: Terra! Terra! Exijo minha recompensa.

Colombo: O que julgastes ser terra era apenas uma nuvem baixa no horizonte. Vede estes passaros

voando. Vou mudar meu caminho e segui-os para o sul.

Primeiro Marinheiro: Queremos voltar á patria.

Segundo Marinheiro: Estamos doentes e cansados de ouvir historias de fadas.

Quinto Marinheiro: Vamos lançar-o ao mar, se elle não quizer retroceder.

Colombo: Pense na fortuna que vos espera.

Marinheiros: Nós vos daremos apenas tres dias mais.

Colombo: Prometto voltar daqui a tres dias, se não houver terra á vista.

Primeiro Marinheiro: Vede este ramo com bagas fluctuando n'agua.

Quarto Marinheiro: Vede este bastão que foi feito pelo homem.

Tercero Marinheiro: Estou vendo umas setas fluctuando, as quaes só crescem em terra.

Colombo: Devemos estar perto della.

Annunciante: A scena seguinte passa-se na manhã do terceiro dia. Colombo vê uma luz vacillante.

SCENA VII

Colombo: Terra! Terra! Estou vendo uma luz que se move. Ha gente na praia. (Desembarcando) Têm a pelle escura.

Indigenas: Passaros grandes; vieram do céu; Estamos com muito medo.

(Colombo e seus homens ajoelham-se e cantam um hymno. Depois Colombo planta a bandeira hespanhola).

Colombo: Tomo posse desta terra em nome do rei Fernando e da Rainha Isabel.

Annunciante: Durante muitos mezes Colombo explorou as ilhas, pensando que tivesse achado a Índia. A Santa Maria naufragou e construíram um forte com seus despojos. Colombo achou que já era tempo de voltar á Hespanha. Quarenta homens resolveram ficar e os outros voltaram com Colombo. Este levou consigo seis indigenas.

Rei: Levantai-vos, Colombo. Sois um nobre e bravo homem. Fizestes uma expedição extraordinaria.

Rainha: Vou coroar-vos com esta grinalda da victoria.

Annunciante: Colombo ainda fez tres viagens por mar. Seus ultimos annos foram tristes. Sobreviveu pouco á sua boa amiga, a rainha Isabel.

Agora, proponho que cantemos um hymno á America.

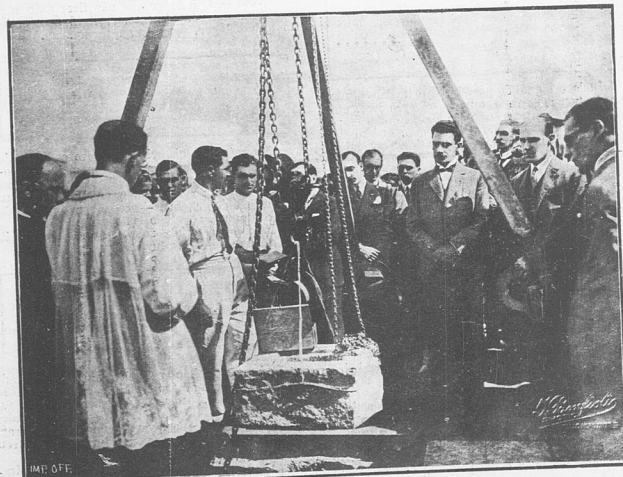
(Todos cantam, com entusiasmo)

SCENA VIII (Na Hespanha)

Crianças: Salve o nosso grande Colombo. Viva!

(Colombo ajoelha-se diante do Rei).

E' a alma da creança o que de mais respeitavel existe no mundo. — BUISSON.



IMP. OFF.

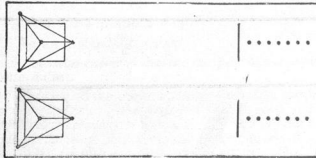
PEDRA FUNDAMENTAL DO NOVO EDIFICIO DO GYMNASIO DA CAPITAL, NA AVENIDA PARAOPERA. PHOTOGRAPHIA TIRADA POR OCCASIO DO SEU LANÇAMENTO, NO DIA 15 DE JUNHO.

A alegria dos recreios

Diversos jogos gymnasticos

CONTINUAMOS a publicar a descrição de alguns jogos gymnasticos que fazem parte da série «Jogos do Cylinder», iniciada em nosso numero p. p.

Material — 4 cylindros para cada partido.
Regra — De um lado do pateo collocam-se os alumnos em columnas. Do lado opposto, em frente a cada partido, traçam-se dois polygons, um triangulo e um quadrado, obedecendo á orientação do graphico. Ao ser iniciado o jogo os 4 cylindros deverão estar collocados segundo a disposição do graphico.



Dado o signal de partida, o primeiro alumno de cada turma corre a mudar os cylindros, um a um, para os vertices dos angulos do quadrado; de volta, corre, bste na mão do segundo, que mudará os cylindros, um a um, para os logares onde se achavam.

E assim se continuará.
Será vencedor o partido que, em primeiro logar, terminar o trabalho de todos os seus jogadores.

Material — 8 cylindros para cada partido.
Regra — De um lado do pateo collocam-se os alumnos em columnas. Em frente a cada partido, a igual distancia, collocam-se no sólo 7 cylindros. O primeiro menino de cada partido terá um cylindro á mão.

Dado o signal, o primeiro jogador corre com um pé, sómente, por entre os cylindros que estiverem em sua frente.

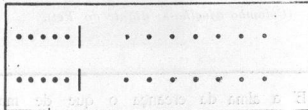
No extremo da linha, deverá apanhar o ultimo cylindro e substituí-lo pelo que levava; de volta, entregará o cylindro ao segundo companheiro de sua turma.

E assim se continuará.
O partido que, em primeiro logar, terminar o trabalho de seus jogadores, será o vencedor.

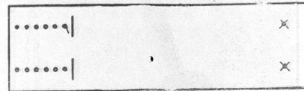
Material — Um cylindro para cada partido.
Regra — Os alumnos, em columnas, formam-se de um lado do pateo. A uma distancia de 7 a 10 metros, em frente a cada partido, collocam-se um cylindro.

Dado o signal, o primeiro jogador de cada partido corre com um pé, sómente; apanha o

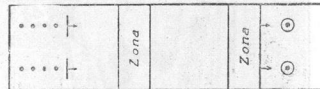
cylindro e, de volta, vai entregal-o ao segundo menino; este parte immediatamente, para collocar o cylindro no logar em que se achava. O terceiro jogador fará o mesmo que o primeiro.



E assim se continuará.
Vence o partido cujos jogadores terminarem sua tarefa em primeiro logar.
Nota — O jogador que não fizer todo o percurso com um pé, sómente, voltará a se collocar em ultimo logar, para correr novamente.



Material — Dois cylindros para cada partido.
Regra — Os alumnos, em columnas, formam-se de um lado do pateo. Traçam-se no solo duas zonas de 1^m.50 a 2 metros de largura, obedecendo á orientação do graphico — são as zonas prohibidas, onde o alumno, correndo, não poderá logar.
Proximo á ultima zona, haverá tantos cylindros quantas sejam as turmas que porfiarem.



Dado o signal, o primeiro alumno, de cada partido, com um cylindro á mão, corre, saltando as zonas prohibidas, procurando alcançar o mais rapido possivel, o final do campo. Ahi chegado, trocará o cylindro que levava pelo que encontrar, indo entregal-o ao companheiro immediato de seu partido.

Este executará trabalho identico ao primeiro.

E assim se continuará.
Será vencedora a columna que, em primeiro logar, fizer correr o ultimo jogador.

(Continúa)

Remodelação do ensino grammatical

Apprenda o alumno na escola so-
mente o que na escola deve apprender

CLAUDIO BRANDÃO

O ensino grammatical entre nós está reclamando prompta e larga remodelação.

Só quem lida no magisterio de linguas pôde verificar, pela observação quotidiana, os obices creados ao aproveitamento das classes pelas imperfeições de tal ensino.

O primeiro passo para melhora-lo é a uniformização e a simplificação da nomenclatura grammatical.

Ao docente menos arguto não escapam os inconvenientes dessa technologia vasta, complicada, vacillante e, ás vezes, óca que recheia os compendios de grammatica.

Uma intelligencia em formação, desprovida ainda de senso critico, extenua-se e amuide desalentada-se no inextricavel de tantos nomes, muitos delles arvezados, e não poucos inacessiveis á comprehensão mediana e rudimentar da maioria dos escolares.

De grammatica para grammatica, de professor para professor e, não raro, no mesmo instituto, variam as denominações do mesmo facto grammatical, da mesma entidade glottica.

Essa plethora technologica, sobre inutil, é nociva, pois, em vez de facilitar, estorva e retarda o apprendizado de um idioma, gerando, no espirito do estudante, a confusão, a hesitação, a assimilação imperfeita das noções explanadas e as frequentes tropeços no applicar-se.

Uma nomenclatura uniforme viria, ao invés, sanar esses defeitos, poupando, ao alumno um esforço que poderia empregar proveitosamente na aquisição de outras idéas e de outros factos. Cada phenomeno grammatical deve designar-se com uma só e mesma denominação, em qualquer phase escolar ou em qualquer lingua que se apresente, eousa exequível, porquanto os idiomas exigidos pelos programmas secundarios mostram factos substancialmente identicos, comquanto, ás vezes, formalmente diversos. Assim, ao que se chamar, por exemplo, *adjuncto attributivo*, na aula de vernaculo, recoba equal nome nas demais suias de linguas. Desta sorte, será muito mais simples ao estudante perceber as semelhancas e os contrastes dos idiomas que estiver apprendendo.

Parallelamente á unificação vem a simplificação.

O esforço dos competentes deve encontrar-se não só em uniformizar, mas ainda em reduzir a terminologia grammatical a um minimo de denominações logicas, breves e precisas, que revistam, quanto possivel, a feição vernacula, para só torna-

rem mais doces á comprehensão e á memorização do alumno. No crear ou no fixar taes denominações haja o cuidado de examinar si ellas correspondem com exactidão aos conceitos que tenham de caracterisar. Para isso, sejam ellas submettidas a uma analyse rigorosa, na qual se utilizarão os elementos accumulados pela pesquisa glottica mais recente.

Reliquem-se para o dominio das antigualhas ingenuas as concepções cerebrinas e as theorias abstrusas do apriorismo escolastico.

Outro ponto que reclama attenção é a lingua-gem e o methodo dos compendios. Deve aquella primar pela singleza e pela crystallinidade; este pelo rigor scientifico e por uma logica impecavel.

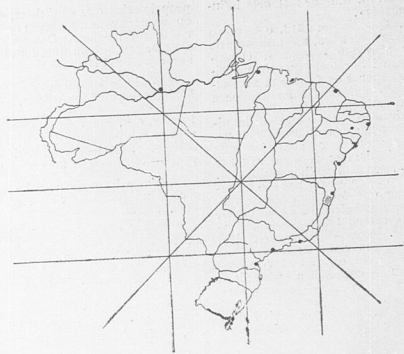
A distribuição da materia, por exemplo a collocação das partes da oração, deve sahir dos moldes tradicionaes, e adaptar-se ás exigencias pedagogicas e ao gráo de importancia que têm no uso vivo do idioma.

Além disso, tenha-se em vista que, na época presente, o objectivo dos estudos propedeuticos, quer no curso primario, quer no secundario, é preparar o individuo para a vida real, ministrando-lhe uma somma de conhecimentos de verdadeiro e constante emprego, e não sobrecarregar-lhe o cerebro de minucias ou particularidades ociosas.

Assim, as grammaticas destinadas ao ensino elemental devem evitar a enumeração de regras pouco observadas, de anomalias raras, e cingir-se ás normas que condensam a linguagem corrente dos grandes mestres. Os desvios do typo normal, as formas insuladas, os torcidos insolitos, deixam-se ao estudo pessoal do alumno, estudo que fará, si tomar gosto á materia e quizer profundal-a. Apprenda elle apenas o que deve apprender no periodo escolar, sem desperdicar o tempo já escasso deste, em minudencias ou artificialismos dispensaveis.

As regras formuladas, ao contrario da pratica ordinaria, devem seguir e não preceder os exemplos que fundamentam. Sejam estes caracteristicos e curtos para se gravarem na memoria do estudante, facilitando-lhe, neste modo, a applicação segura das normas correlativas.

Outro melhoramento que merece ser introduzido nas grammaticas, assim portuguezas como de outras linguas, é uma parte, clara e synthetica, consagrada á exposição dos principaes phenomenos semanticos. Posto geralmente descurado, é este um dos elementos capitales para apprehender-se o genio de uma lingua e penetrar-se-lhe a psychologia.



J. Claudio—Exporta também cêcos e larajas.
Lauro—Na Bahia ainda ha outro porto nosso conhecido. E' o Porto Seguro, o ancoradouro da esquadra de Cabral.

Sylvio—No sul de Porto Seguro fica o Monte Paschoal, o primeiro ponto da terra brasileira avistado por Pedro Alvares Cabral.

Roberto—A Bahia é o Estado brasileiro que tem maior costa.

J. Claudio—A serra dos Aymorés separa Minas de Bahia.

Stella—O Carinhanha, o Verde Grande e o Verde Pequeno são também limites entre Minas e Bahia.

Cid—A Bahia é a terra do poeta Castro Alves. Falle, Astréa, um trecho diquella poesia que você leu hontem.

Astréa—«As duas flores». Castro Alves (recitando)

•São duas flores unidas,
São duas flores nascidas
Talvez no mesmo arrebol,
Vivendo no mesmo galho,
Da mesma gota de orvalho,
Do mesmo raio de sol.

Sylvio—Muito bem!

Ouçam esta:

•Caminheiro que passas pela estrada
Seguindo pelo rumo do sertão,
Quando vires a cruz abandonada
Deixa-a em paz dormir na solidão.

E' a «Cruz da Estrada» também de Castro

Alves.

Odette—Fallemos novamente das produções da Bahia: o café, o fumo, o milho e os cereaes são muito exportados por este Estado.

Regina—Belém é o quinto porto.
Esther—Em Belém ha grande exportação de borraça.

Stella—E' a capital do Pará.
J. Claudio—Está perto da ilha do Marajó.
Olivina—Belem exporta também castanhas, madeira e baunilha.

Branca—O sexto porto é o Rio Grande.

Marita—Da cidade de Rio Grande parte a estrada de Bagé que passa por Pelotas.

Lauro—Esta estrada atravessa o rio S. Gonçalo por uma ponte que se abre para dar passagem aos navios.

J. Claudio—No Rio Grande ha grande exportação de banha.

Ivo—Exporta também carne viva.

Manoel—E também carne secca e congelada.

Berenice—Na costa do Rio Grande ha muitas lagoas.

J. Claudio—As principaes são a dos Patos e a de Mirim.

Rubens—Rio Grande faz muito commercio de couros e conservas.

J. Claudio—Ha grande exportação de carvão de pedra, marmore e ouro.

Esther—Rio Grande é o Estado do Brasil que está mais no Sul.

Edna—Ligando este Estado a S. Paulo ha a estrada de ferro S. Paulo—Rio Grande.

Clerly—Agora vamos fallar de Manaus que é o setimo porto.

Albino—A sua exportação consiste em borraça e madeira.

Marita—Os vapores transatlanticos que chegam até* Manaus vão buscar os productos desta rica região.

Ivo—Manós é um porto fluvial.
Albino—E os outros, o que são?

Ivo—Maritimos.

J. Claudio—A estrada Madeira-Mamoré communica Amazonas com Mato Grosso.

Berenice—Manós está situada á margem esquerda do rio Negro, affluente do Amazonas.

Clerly—No mercado de Manós é grande a venda da carne de tartaruga.

Plinio—Para apanhar as tartarugas os pescadores as viram de costas.

Honorina—Porque?

Plinio—Porque de costas ellas não podem fugir.

Ruth—Esther, depois de Manós, qual é o porto mais importante?

Esther—E' S. Luiz, capital do Maranhão.

Branca—Este porto exporta algodido e cêra de carnauba.

Stella—S. Luiz está situada numa ilha. E' separada do continente por um canal chamado do Mosquito.

Dagmar—No Maranhão a criação de gado dá grandes lucros.

Ruth—Maranhão é a terra do poeta Gonçalves Dias.

Odette—O auctor da «Canção do Exilio»

Nelly—Esta eu já conheço.

Marita—«O mar» de Gonçalves Dias.—E esta, conhece, Nelly?

Nelly—Parece-me que não.

Marita —(recitando):

•Oceano terrível, mar immenso
De vagas procellosas que se enrolam,
Floridas rebentando em branca espuma

Num polo e noutro polo
Emfim... emfim te vejo; emfim meus olhos
Na indomitã cerviz tremulos cravo,
E este rugido teu saubido e forte

Emfim medroso escuto!

O que ha mais forte do que tu? Se erranças
A coma perigosa, a nau possante,
Extremo de artificial, em breve tempo
Se afunda e se amiquilla.
Ea poderoso sem rival na terra:
Mas lá te vae quebrar num grão d'arêa!
Tão forte contra os homens, tão sem forças
Contra coisa tão fraca!

Esther—Marita, esta poesia é bellissima!

Branca—Faz-me até vontade de vir o mar.

Edna—Faltam ainda dois portos — Fortaleza e Paranaguá.

Esther—O desembarque em Fortaleza é muito difficil Os viajantes saem dos navios e tomam pequenas lanchas e depois são conduzidos nas costas dos homens até á praia.

Odette—São geralmente os pescadores que fazem este serviço.

J. Claudio — Fortaleza é o nono porto do Brasil.

Ivo—E quees são os seus principaes productos de exportação?

J. Claudio—Laranjas, cêra de carnauba e algodido.

Odette—O decimo porto é Paranaguá...

Stella—Que exporta principalmente matte e pinho.

Ruth—A capital do Paraná é Curitiba

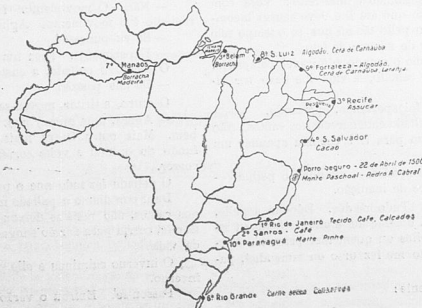
Edna—Esta cidade não é maritima.

Abilio—E' central, mas acha-se ligada ao porto de Paranaguá pela estrada de ferro do Paraná.

Ruth—Em Paranaguá o desembarque é também difficil. Os navios param pouco distante do porto, do ilha do Catinga.

Esther—Falámos sobre os dez principaes portos do Brasil. E' preciso continuemos a estudar, para, no fim do anno, fazermos bons exames.

NOTA — Os alumnos mencionam os portos e as produções e os collocam nos respectivos logares.



Para as creanças de calças curtas e para as de barbas brancas...

Apologo do cachorro pellado e do cachorro pelludo.

VIRIATO CORRÊA

Viviam na mesma casa os dous cachorros.

Um era o cachorro pellado, o outro o cachorro pelludo. Um tinha pelle desnuda, aspera, sem um fio de cabelo a protegê-la, o outro tinha sobre a pelle rosada e macia uma fofa alfombra, ondulada de magníficos cabelos brancos. Um era feio, o outro lindo.

Eram, no entanto, bem amigos, bem alegres, bem travessos.

Quando entrou o inverno, o cachorro pellado perdeu a alegria e a travessura. Vivia nos cantos, encolhido, tiritando.

— Venha brincar, compadre, — dizia-lhe o cachorro pellado.

— Eu posso brincar!? — respondia o outro — Você não vê como eu, aqui, estou a morrer de frio?! Você não sente frio, compadre?

— Nenhum. Acho a temperatura admirável. — Como é feliz!

E, com um ar de philosopho:

— Como este mundo é mal feito! Você com tanto cabelo, tanto que até lhe deve causar incommodo, e eu com o pelo tão nítido que, se o tempo não mudar, sou capaz de morrer de frio.

— Pois eu acho o mundo admirável, compadre. — Com tanto cabelo, a vida lhe deve ser risosinha.

E o inverno foi apertando, apertando.

O cachorro pellado emmagrecia nos cantos. Não tinha coragem nem para ir à cozinha apanhar um ossão.

— Mova-se, compadre. — dizia-lhe o pelludo — Vê, assim, morre de inanição.

— Não posso. Tudo me dóe. Dóe-me a pelle, dóe-me os ossos, dóe-me até a alma. Como eu injeço quem tem pellos ou quem tem pennas! Por que a natureza não me fez urso ou tamandá, pávo ou pato?

E, desoladamente:

— Desta eu morro, compadre! O inverno cada vez se torna mais aspero. Como este mundo é mal feito! Como Deus é injusto! Creou o frio, mas, também, criou cachorros pellados. Não escapo, já sinto a morte perto de mim. E que vontade eu tinha de viver! Aqui, pelas frestas da porta, vejo os passaros lá fóra, voando satisfeitos, pelo céu. Podem voar, podem estar contentes, têm pennas, que os aqueça. E eu? Nem um fio de cabelo, para me proteger contra este frio desesperado, que me amiguiça e me mata.

— Compadre, — disse o pelludo — você está a tornar maior o supplicio.

— Você fala dessa maneira é porque não é cachorro pellado.

— Está tornando o supplicio maior, permita que lhe diga. — insistiu o outro — Para o frio ha remedio.

— Eu bem sei: um bello cobertor de cabellos como você tem.

— Não. O movimento. Para o frio, o melhor remedio é o movimento. Agite-se.

— Se eu pudesse!

— Experimente. Faça um esforço, levante-se. O cachorro pellado, a custo, levantou-se.

— Dê uns passos.

O outro, a tiritar, moveu-se.

— Agora, uma carreirinha. Muito bem, muito bem. Mais outra. Outra mais. Agora, corra até o fundo do quintal e volte correndo e torne a ir, a correr.

O pellado fez tudo que o pelludo indicava. Dahl por diante o pellado não mais se encolheu nos cantos, não mais se deixou dominar pelo frio. Corria, corria para dar ao sangue a quente vibração da vida.

O inverno culminou e elle pouco soffreu com o inverno.

Passou-se. Entrou o verão.

Quando começou a intrinsecar foi o cachorro pelludo. Vivia de lingua de fóra debaixo das arvores, cara amarrada a principio e desolada depois.

— Venha brincar, compadre — dizia-lhe o pellado.

— Brincar num tempo deste! Veja, parece que o sol incendeia a propria terra. Tudo pega fogo. Tem-se a impressão que o céu se transformou numa fornalha. Eu, compadre, não tenho duvida nenhuma, mais dia menos dia, estou transformado em leitão assado de mesa de festa. Você não sente calor?

— Não. A temperatura está adorável.

— Pudera! Com a pelle tão nua!

E, cansado e desesperado:

— Como este mundo é mal feito compadre! Você sem pelo nenhum, sem soffrer com a estridência do verão; eu com estas toneladas de cabellos, a morrer de tanto calor. Deus não reflectiu quando fez o mundo.

— Que blasphemia é essa, compadre?!

— Não reflectiu. Podia ter feito verão, mas não devia ter creado os cachorros pelludos. E o meu caso é ainda peor que o seu, quando foi do inverno. Para o frio tinha você remedio que lhe ensinei: o movimento. Para mim, não ha remedio nenhum. O unico remedio aqui é ter a sorte dos leitões — morrer assado.

— Qual nada, compadre! Não torne o supplicio maior do que elle é. Para o calor ha um remedio infallivel.

— Qual?

— A agua. Mata-se n'agua, que todo esse fogo insupportavel se apagará. Olhe, alli, o tanque. Levante-se, venha comigo!

O pelludo ergueu-se, pensosamente.

— Faça um esforço, dê um pulo, atire-se no tanque. Bumba! Bravos! Demore-se, demore-se. Que tal? Não está mais fresco? Mais uns minutos, não saia já. Que tal?

— Muito melhor.

— Que lhe dizia eu?

Foram para a sombra de uma arvore. Ficaram silenciosos muito tempo. Depois falou o pelludo:

— Interessante este mundo compadre: homem, era você quem soffria: hoje, quem soffre sou eu. — Hontem quem achava o mundo mal feito era eu: hoje quem acha o mundo mal feito é você.

— E' verdade. Ao que parece não passamos de uns idiotas.

— E completos! Cada qual quer o mundo a seu jeito, quando o mundo não foi feito para cada um de nós e, sim, para nós todos. E tudo bem repartido. Cada qual tem a sua dose de prazer, como tem a sua porção de amargura. Emquanto eu soffria com o frio, você achava adorável a temperatura: quando você morria de calor, eu gozava uma temperatura encantadora. Tudo admiravelmente repartido. Imagine o que seria isto se o soffrimento fosse só para você e a alegria só para mim. Ou então que a desventura chegasse ao mesmo tempo para todos e, para todos, ao mesmo tempo, chegasse o prazer.

— E você já considerou, compadre, como ha sempre remedio para tudo? Para você, que morria de frio, houve o movimento: para mim, que ia morrendo de calor, houve a agua.

— Ha remedio para tudo. Nós é que somos dous refinados idiotas.

(Do «Jornal do Brasil»)

O Brasil — Recursos naturaes — Economia nacional

BENVINDA DE CARVALHO

Nihil in intellectu quod non prius in sensu.

A psychologia experimental nos tem provado muitas vezes que se apprehendem os factos pelos sentidos.

D'ahi, a necessidade indelivel de se multiplicarem os meios de documentação para o estudo da Geographia, como sejam os mapps coloridos,

diagrammas, photographias, desenhos schematicos, cartogrammas, etc., em um sem numero de processos, considerando-se sempre o principio basico de que é o homem o factor primordial do estudo.

O mappa, não ha contestal-o, é o vehiculo poderoso para todo o qualquer ensino de Geographia. Para as classes primarias, então, vem a calliar o

cartogramma—auxílio valioso á explanação da idéa centralizadora. Consiste em um mappa geographico schematico que traz informações sobre qualquer materia, como, por exemplo, a navegação fluvial de um paiz, a densidade de população, o movimento agrícola, por signaes convençionaes.

A tendencia do ensino moderno de Geographia, maximé da parte economica, como que se enquadra admiravelmente nesse processo. Nos Estados-Unidos, na França, na Alemanha e na Inglaterra, é uso reduzir-se o texto da lição, ampliando-o pelo cartogramma. Cumpre, porém, que o alumno saiba interpretar a pela chave das convenções, cuja explanação deve ser dada antes pela professora. É prudente, também, não fazer accumulo da materia a tratar-se. A vantagem está em que a creança veja, numa representação concreta, a existencia de um facto, a sua importancia, o espaço occupado (localisação geographica rigorosa) e até o tempo.

Ha diversos typos de cartogrammas, sendo preferiveis para a creança o systema de **faixas** e o de **pontos**.

Este, largamente seguido nos Estados-Unidos, appareceu no Brasil, em 1924, (1) numa serie de mapas economicos, preparados pelo Sr. Feijó. O mim Hunicuitt, da Escola Agricola de Lavras. O mim **ponto** representa, segundo uma convenção, um numero certo de habitant-s, de cabeças de gado, etc. etc. Exemplifiquemos o caso: Representando-se a população do Brasil, por Estado, em um cartogramma, e suppondo-se valer o **ponto** 50 000 habitantes, segue-se que, tendo Minas Geraes 6 000 000 de habitantes, deve vir marcado com 120 **pontos**. O Rio Grande do Sul, que possui uma população estimada em 2 190 000 habitantes, será representado com 43 **pontos**. Assim por diante, ficando o alumno sciente do raciocinio applicavel: «Um **ponto** equivale a 50 000 habitantes. Ora, como o Estado de Minas tem 6 000 000, dividem-se esses 6 000 000 por 50 000, para sabermos quantas vezes o valor de um **ponto** (50 000) está contido em 6 000 000: o quociente representa o numero de **pontos** que cabem ao territorio mineiro».

Rejeitam-se as fracções.

O cartogramma se adapta a um numero infinito de confrontos, com relação a todas as partes da Geographia Economica. Um trabalho desse genero, feito sob as vistas da professora, no quadro-negro, diante das alumnas, mesmo que não seja muito perfeito, produz resultados extraordinarios.

Dou a seguir um cartogramma, mostrando a população do Brasil por Estados, valendo o **ponto**

50 000 habitantes. É preciso que a professora o faça no quadro, explicando antes as convenções.

MAPPA DA DENSIDADE DE POPULAÇÃO DO BRASIL



POPULAÇÃO DO BRASIL
Cada ponto vale por 50 000 habitantes.
Dividida a população absoluta por 50.000

Por esse cartogramma, terão os alumnos occasião de observar o seguinte:

- a) a população é mais densa no litoral;
- b) o nosso Estado de Minas é o mais populoso;
- c) os maiores Estados são, relativamente, os menos populosos, como Goyaz, Mato Grosso, Amazonas.

Acresce a tudo o facto de podermos elles terer na memoria, sem difficuldade nenhuma, a população absoluta de cada Estado, o que se dá com o exercicio dos calculos.

2.ª AULA DE GEOGRAPHIA—FAUNA DO BRASIL

O ensino consta de quatro partes:

1.ª) Traçado, antecipadamente feito no quadro negro, de uma carta figurando o Brasil dividido nas 3 zonas das produções animaes, destacadas por colorido diverso;

2.ª) Um eschema ao lado, representando os 2 ramos: **vertebrados** e **invertebrados**. Seria magnifico fazer uma alliança perfeita desta lição de Geographia com a Historia Natural, no ponto concernente á classificação dos animaes.

Entretanto, como sómente no 4.º anno se estuda esse ponto, limito-me á divisão summaria.

3.ª) Exposição atrahente da materia, feita pela professora, em voz clara, junto ao quadro negro, depois de collida a attenção da classe;

4.ª) Finalmente, o eschema que os alumnos copiarão, para bagagem de estudo em casa.

Seja a professora desvelada e consciá da dignidade nobilitante de sua carreira, não só instruindo, como, sobretudo, procurando, com tacto firme, apreebre-se das condições physicas e moraes dos alumnos. Desbastando arestas de intelligencias e de caracteres, encorajando os **limitados**, adocando os costumes dos **egoistas**, desempenhará ella sua missão divina na Terra, por isso que a **limites**, filha da vaidade e do orgulho, e o **egoismo** formam o o plasma da sociedade hodierna.

Sobre a divisão do Brasil em zonas zoo-geographicas, preferimos seguir a orientação do Dr. H. von Thiering, que nos parece ser um reparo ás conclusões de Pelzel, que subdividie o Brasil em 2 secções: a **septentrional** ou **Amazonica** e a **meridional** ou **sub-brasileira**, coincidindo os limites dessa zona com o **divortium** das aguas amazonicas, paraguayas e do S. Francisco. Depois dos estudos da commissão Rondon, é possivel que haja qualquer coisa de definitivo.

Exposição

A **professora**: Falarei hoje sobre a **fauna** brasileira, ou a outra, sobre o reino animal.

O Brasil pôde ser dividido em 3 zonas zoo-geographicas, pelos typos de animaes que offerece.

(Apontando no mappa).

- a) A **Hyliana**, que abrange as matias da Amazonia, até o Tocantins. Estão percebendo? É' tudo que representei pelo colorido vermelho;
- b) A **Arazana**, que se estende pelo nordeste brasileiro e o interior sertanejo, ultrapassando, indole além do Paraguay-Paraná. Destaquei-a com a cor amarella. Veja-n.
- c) A **Tapirana**, no litoral e nas matias, da Bahia ao Rio Grande do Sul, aqui figurada pelo verde do giz. Notaram que, mais ou menos, correspondem ás zonas das produções vegetaes naturaes, estudada na aula passada? Isso, porque as condições do meio physico, taes como—o clima, a natureza do terreno e muitas outras coisas determinam o modo de vida dos seres na superficie da Terra.

A fauna brasileira é caracterizada por inumeros animaes desdentados: macacos de nariz chato; aves de linda plumagem; grande riqueza de insectos que, sob o ponto de vista economico, são pouco dignos da protecção do homem. Imaginem vocês que o Brasil faz uma despesa consideravel para reparar os estragos causados por elles.

Não se encontram aqui animaes de grande porte. Ha para perto de 50 especies de macacos, principalmente na zona Hyliana. Vivem em bandos, nas florestas. Invadem as plantações, fazendo estragos nos milhares. Dizem os roceiros que um feia sempre de sentinella, para communicar a aproximação do homem, enquanto os outros fazem a colheita.

Si o guarda não cumpre bem o seu dever, o bando o castiga severamente. Attemem, meninos, a que os proprios irracioaes têm como que um vislumbre do sentimento de responsabilidade individual. Creiam vocês que dois scientistas que visitaram as florestas do Norte do Brasil confundiram alguns macacos com os indios e os descreveram como «homens de cauda».

Vamos saber, agora, os outros vertebrados que povoam o Brasil: a onça, o lobo, que é um animal timido, bem diferente do seu homonymo europeu; a raposa, o coati, a faina, a lontra, a phoca de Santa Catharina, a capivara, cujo oleo é applicado na melicina; a lebre, o urajo lanhado, muito commum no Rio Grande do Sul; a anta, que habita as proximidades dos rios, onde se banha, ao crepusculo; o veado, a baleia, o tamandú, o tatu, a preguica, o gambá.

Sobre as aves, posso affirmar-lhes que ha, no Brasil, cerca de 1 600 especies. Unas se caracterizam pela forma e outras pelos matizes extraordinarios de sua plumagem, como os beija-flores, que algum comparou a «joias aladas». Cito o tucano o picu-piau, o abutre, o gavião, o papagaio, araras, periquitos, lindas pombas e o mavioso sabão, que os nossos poetas, desde Nuno Pereira, celebrizaram em lindos versos.

Existem jacarés, notaveis pelo porte e pelo perigo que trazem aos viajantes. A sua pelle é aproveitada na industria, para a fabricação de objectos; as serpentes constituem um vasto grupo, não sendo, porém, tão venenosas como as da India. Já ouviram falar na gibovia, na cascavel, na cobra-coral, no surucucú?

Encontram-se, também, sapos ó rãs. Em virtude de sua incomparavel réde fluvial, possui o Brasil muitos peixes, como o paed, o surubi, o piáu, a trahira, o bagre. A zona Hyliana contem cerca de 2 000 especies de peixes, entre os quaes o **pirarucu**, que chega a pesar 100 kilos, sendo de grande alcance commercial.

No ramo dos **invertebrados**, ha os insectos que constituem a parte mais vistosa e os productos do mar: camarão, lagostas, etc.

(1) Delgado de Carvalho

Os diferentes climas do Brasil, influndo sobre a vegetação, permitem organizar diversos grupos de criação de gado: bois, cavallos, bestas, carneiros, porcos, etc., dando origem ás grandes indústrias de lactícinios (leite, manteiga, queijo) de carnes (xarque, banha) de pelles, couros. Na 2.ª lição, sobre o valor económico de cada artigo e sua exportação, falaremos da indústria pastoril e consequentes resultados. Agora, tomem o schema, no caderno. Façam em casa o mappa do Brasil, com as 3 zonas zoo-geographicas, pondo nellas os nomes das produções animaes. Ha meninos que se envergonham de não fazer um mappa com a perfeição de contornos. Falta de geito, dizem. Não estou medindo capacidades artisticas. Quero, sómente, que comecem instinctivamente a lição, com os logares marcados. Demais, presto uma homenagem ao esforço do que *não tem geito* e lucha por conseguí-lo. Continuem, pois, com enthusiasmo e estudem as lições com prazer.

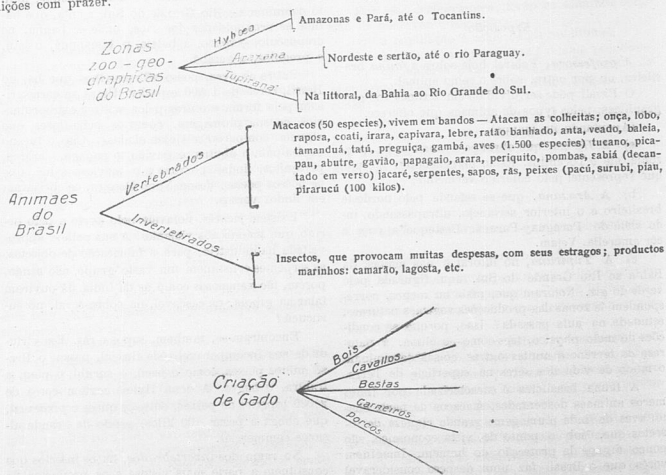
BRASIL — MAPPA DAS ZONAS ZOO-GEOGRAPHICAS (VON HERING) — FAUNA DO BRASIL.



Os outros animaes se acham espalhados pelas 3 zonas.

No quadro-negro: (Para os alumnos).
Fauna é o conjunto de animaes de uma determinada região.

Quanto á fauna, o Brasil se divide em 3 zonas.



O FOLK-LORE NAS ESCOLAS

A origem do milho

(LENDA SELVAGEM)

As cousas mais triviaes, destinadas á satisfação das exigencias mais prosaicas da vida animal, como sejam as que se referem á alimentação, procuravam os nossos indigenas vestil-as com o manto prestigioso da lenda, prodigalizando-lhes a origem vulgar e terra á terra.

No intuito de definir certos vegetaes, que representam papel importante na sua vida physiologica, crearam elles innumeras lendas em que lhes emprestavam quasi sempre uma genese sobrenatural e divina.

Os primitivos habitantes das nossas selvas eram, pela natureza mesma do meio ambiente, seres dotados de vida e ardente imaginação.

Assim o algodão, com que teciam redes e outros objectos de uso domestico, fóra o velho *Socaiú* quem plantara e com elle fizera, quando ainda uma aridez completa mantinha deserto o mundo, uma corda com que descera, ás investigações do genio *Rarú*, ao fundo do abysmo de onde tirou a multidão de homens e mulheres com que povoou a terra.

O milho, tão empregado entre os nossos indigenas na fabricação de bebidas refrigerantes e, quando ainda verde, de bolos denominados bujapés

que nada mais eram do que as pamonhas, tão appetecidas ainda hoje pelo nosso sertanejo, provem, segundo a tradição tupy, do sacrificio voluntario de um abnegado ancestral da tribu em beneficio dos seus irmãos da selva.

A principio, não existia este precioso cereal. O selvagem, nos seus fructuos repastos, só se utilizava dos fructos sazoados que os bosques lhe forneciam e do mel que a provida jathy depositava no tronco carcomido das velhas arvores da floresta. Foi então que *Phara*, um ancião, *caraiaba* que entre elles vivia, muito cotado na tribu, pois era diferente de todos os outros, ordenou-lhes que derrubassem o matto e, preparando o terreno, o immolassem, arrastando o seu corpo pela area desbravada.

A principio, reluctaram em obedecer ás ordens do ancião; como estas, porém, eram decisivas e irrevogaveis, resolveram, afinal, fazer o que *Phara* lhes mandava, retirando-se, em seguida, por tres luas, inconsolaveis e chorosos, daquelle logar.

Ao regressarem, verificaram, surpresos e assombrados, que um vasto milliaré empennado cobria todo o terreno por onde passara o cadáver do velho e abnegado *caraiaba*. Colheram as espiças e com ellas obtiveram um alimento bom e poderoso, a que deram o nome de *Phara*.

O novo edificio do Gymnasio da Capital

O PRESENTE numero desta revista traz, na capa, a photographia da parte principal da fachada do novo edificio do Gymnasio da Capital, que o governo mandou construir na Avenida Paraopeba. O lançamento da pedra fundamental verificou-se no dia 15 deste mez, com a presença do sr. presidente Mello Vianna, de seus auxiliares de governo e outras pessoas gradas. Publicamos tambem neste numero uma photographia da cerimonia, vendo-se nella o sr. presidente, cercado de seus auxiliares.

A raposa e o homem

(FABULA INDIANA)

A raposa foi deitar-se um dia no caminho por onde o homem devia passar, fingindo-se de morta. Vem o homem e vendo-a assim, disse, compadecido: Coitada da raposa! Fez immediatamente um buraco, enterrou-a, cobrindo-a, antes, de folhas que apanhou na matta proxima, e foi-se embora. Apenas o homem afastou-se, o matreiro animal levantou-se e, correndo pelo matto, foi deitar-se pouco adiante, na estrada, fingindo-se outra vez de morta.

Quando o homem chegou, vendo-a, exclamou: Outra raposa morta? Coitada!—Arredou-a do caminho, e, depois de estender sobre ella um manto de folhas verdes, continuou a sua jornada. Pouco adiante, porém, foi surpreendido com outra raposa morta. Era a mesma que, correndo outra vez

pelo cerrado, foi deitar-se adiante, no caminho, fingindo-se de morta.

O homem, ao vel-a, disse: «Quem terá morto tanta raposa?» Arredou-a para fóra do caminho e foi-se.

A raposa, porém, usou do mesmo estratagemma, indo deitar-se mais adiante, no caminho, como se estivesse morta.

O homem já impaciencado com a reproducção daquella scena, chegou-se a ella e disse:—Que leve o diabo tanta raposa morta! E, agarrando-a pela ponta da cauda, sacudiu-a no meio do cerrado.

A raposa, então, disse, depois de breve reflexão: —«Não se deve cançar nunca a quem nos quer bem!».

Folk